

Curso de Pós-graduação em Políticas Públicas de Justiça Criminal e Segurança Pública – UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

APOSTILA DO CURSO “A POLÍCIA E OS POBRES NO RIO DE JANEIRO”

Prof. Marcos Alvito

Texto nº 1: Uma definição de “polícia” (HOLLOWAY,1993:1)

“one of the fundamental institutions of the modern world through which the power of the state intruded into public space to control and direct behaviour. (...) the repressive arm of the state”

“uma das instituições fundamentais do mundo moderno, através da qual o poder do Estado penetrou no espaço público para controlar e dirigir o comportamento (...) o braço repressivo do Estado”

Texto nº 2: A polícia e o surgimento da “sociedade disciplinar”

O desvio da legislação penal (da questão da utilidade social à ênfase no indivíduo) e a noção de periculosidade (FOUCAULT,1979:67-68)

“**a legislação penal**, desde o início do século XIX e de forma cada vez mais rápida e acelerada durante todo o século, vai se desviar do que podemos chamar a utilidade social; ela não procurará mais visar ao que é socialmente útil, mas, pelo contrário, **procurará ajustar-se ao indivíduo**. (...) **O princípio de uma lei universal representando unicamente os interesses sociais é consideravelmente falseado pela utilização das circunstâncias atenuantes** que vão assumindo importância cada vez maior. Além disso a penalidade que se desenvolve no século XIX se propõe cada vez menos definir de modo abstrato e geral o que é nocivo à sociedade, afastar os indivíduos que são nocivos à sociedade ou impedi-los de recomeçar. **A penalidade no século XIX**, de maneira cada vez mais insistente, **tem em vista menos a defesa geral da sociedade que o controle e a reforma psicológica e moral das atitudes e dos comportamentos dos indivíduos**. Esta é uma forma de penalidade totalmente diferente daquela prevista no século XVIII, na medida em que o grande princípio da penalidade para Beccaria era o de que não haveria punição sem uma lei explícita, e sem um comportamento explícito violando essa lei. Enquanto não houvesse lei e infração explícita, não poderia haver punição – este era o princípio fundamental de Beccaria.

Toda a penalidade do século XIX passa a ser um controle, não tanto sobre se o que fizeram **os indivíduos** está em conformidade ou não com a lei, mas **ao nível do que podem fazer, do que são capazes de fazer, do que estão sujeitos a fazer, do que estão na iminência de fazer**.

Assim **a grande noção da criminologia e da penalidade em fins do século XIX foi a escandalosa noção, em termos de teoria penal, de periculosidade**. A noção de periculosidade significa que o indivíduo deve ser

considerado pela sociedade ao nível de suas virtualidades e não ao nível de seus atos; não ao nível das infrações efetivas a uma lei efetiva, mas das virtualidades de comportamento que elas representam.”

Para assegurar o controle dos indivíduos ao nível das suas virtualidades, é necessário criar toda uma série de poderes laterais, dentre os quais a polícia, parte de uma rede de instituições de vigilância e de correção (FOUCAULT,1979:68)

“para assegurar o controle dos indivíduos – que não é mais reação ao que eles fizeram, mas controle de seu comportamento no momento mesmo em que ele se esboça – a instituição penal não pode mais estar inteiramente em mãos de um poder autônomo: o poder judiciário.

(...) **O controle dos indivíduos**, essa espécie de controle penal punitivo dos indivíduos ao nível de suas virtualidades **não pode ser efetuado pela própria justiça, mas por uma série de outros poderes laterais, à margem da justiça, como a polícia e toda uma rede de instituições de vigilância e de correção** – a polícia para a vigilância, as instituições psicológicas, psiquiátricas, criminológicas, médicas, pedagógicas para a correção. É assim que, no século XIX, desenvolve-se, em torno da instituição judiciária e para lhe permitir assumir a função de controle dos indivíduos ao nível da sua periculosidade, **uma gigantesca série de instituições que vão enquadrar os indivíduos ao nível de sua existência; instituições pedagógicas como a escola, psicológicas ou psiquiátricas como o hospital, o asilo, a polícia, etc. Toda essa rede de um poder que não é judiciário deve desempenhar uma das funções que a justiça se atribui neste momento: função não mais de punir as infrações dos indivíduos, mas de corrigir suas virtualidades.**”

A idade da ortopedia social, do controle social, da sociedade disciplinar (FOUCAULT,1979:68)

“Entramos assim na **idade do que eu chamaria de ortopedia social**. Trata-se de **uma nova forma de poder**, de um tipo de sociedade que classifico de **sociedade disciplinar** por oposição às sociedades propriamente penais que conhecíamos anteriormente. É a **idade do controle social**.” (ou “sociedade da vigilância)

A explicação para o deslocamento sofrido pelos grupos de controle e para a criação da polícia repousa na nova forma assumida pela produção a que corresponde uma nova forma de riqueza e de acumulação (FOUCAULT,1979:80)

“É então que se põe a questão de saber o por que desse movimento, desses grupos de controle; a questão de saber a que eles responderam. Vimos a que necessidades originárias eles respondiam; mas porque tiveram esse destino, por que sofreram esse **deslocamento**, por que o poder ou aqueles que o detinham

retomaram esses mecanismos de controle situados ao nível mais baixo da população ?

Para tanto é preciso levar em consideração um fenômeno importante: a nova forma assumida pela produção. **O que está na origem do processo que procurei analisar é a nova forma de materialidade da riqueza.** (...) No século XVIII aparece uma forma de riqueza que é agora investida no interior de **um novo tipo de materialidade não mais monetária; que é investida em mercadorias, estoques, máquinas, oficinas, matérias-primas, mercadorias** que estão para ser expedidas, etc. É o nascimento do capitalismo ou a transformação e aceleração da instalação do capitalismo [que] vai se traduzir neste novo modo da fortuna se investir materialmente. Ora, **essa fortuna** constituída de estoques, matérias-primas, objetos importados, máquinas, oficinas, etc. , **está diretamente exposta à depredação. Toda essa população de gente pobre, de desempregados, de pessoas que procuram trabalho tem agora uma espécie de contato direto, físico com a fortuna, com a riqueza. O roubo dos navios, a pilhagem dos armazéns e dos estoques, as depredações nas oficinas tornaram-se comuns no fim do século XVIII na Inglaterra.** E justamente o grande problema do poder na Inglaterra nesta época, é o de instaurar mecanismos de controle que permitam a proteção dessa nova forma material da fortuna. Daí se compreende porque o criador da polícia na Inglaterra, Colquhoun, era alguém que a princípio foi comerciante, sendo depois encarregado por uma companhia de navegação de organizar um sistema para vigiar as mercadorias armazenadas nas docas de Londres. **A polícia de Londres nasceu da necessidade de proteger as docas, entrepostos, armazéns, estoques, etc.** Esta é a primeira razão, muito mais forte na Inglaterra do que na França, do aparecimento da necessidade absoluta desse controle. Em outras palavras, esta é a razão porque esse controle, com um funcionamento de base quase popular, foi retomado de cima em determinado momento.

A **segunda razão** é que, tanto na França quanto na Inglaterra a propriedade de terras vai mudar igualmente de forma, com a multiplicação da pequena propriedade, a divisão e delimitação das propriedades. O fato de não mais haver, a partir daí, grandes espaços desertos ou quase não cultivados, nem terras comuns sobre as quais todos podem viver, vai dividir a propriedade, fragmenta-la, fechá-la em si mesma e expor cada proprietário a depredações.

E sobretudo entre os franceses, haverá essa perpétua idéia fixa da pilhagem camponesa, da pilhagem da terra, desses vagabundos e trabalhadores agrícolas freqüentemente desempregados, na miséria, vivendo como podem, roubando cavalos, frutas, legumes, etc. Um dos grandes problemas da Revolução Francesa foi o de fazer desaparecer esse tipo de rapina camponesa. (...)

Foi, portanto, essa nova distribuição espacial e social da riqueza industrial e agrícola que tornou necessários novos controles sociais no fim do século XVIII.

Esses novos sistemas de controle social agora estabelecidos pelo poder, pela classe industrial, pela classe dos proprietários foram justamente tomados dos controles de origem popular ou semi-popular, a que foi dada uma versão autoritária e estatal.

Esta é, a meu ver, **a origem da sociedade disciplinar.**”

Texto nº 3: Alguns dados importantes para pensar os **primórdios da PM** (Bibliografia utilizada: ALGRANTI; HOLLOWAY; KARASCH)

- A população do Rio de Janeiro quase dobrou entre 1799 e 1821, passando de 43.376 para 79.321 e praticamente se multiplicou por dez entre 1799 e 1890, quando alcança 429.745 pessoas.

- Ao chegar ao Brasil, a Família Real trouxe de Lisboa a Intendência Geral de Polícia (lá criada em 1762); em **10 de maio de 1808** é criada a **Intendência Geral de Polícia da Corte e do Estado do Brasil**, responsável pelas obras públicas e pelo aprovisionamento da cidade, além da segurança pessoal e coletiva (o que incluía a ordem pública, a vigilância da população, a investigação de crimes e a prisão de criminosos).

- O Intendente Geral de Polícia tinha um cargo equivalente ao de desembargador (juiz de uma corte de apelação, instância superior da justiça), sendo considerado um ministro de Estado; ele tinha o poder de decidir qual o comportamento que deveria ser considerado criminoso, de estabelecer a punição que julgasse apropriada e de prender, processar, julgar e supervisionar o sentenciamento dos criminosos. Cabia ao intendente geral de polícia:

“... com ampla e ilimitada jurisdição reprimir todos os crimes de armas proibidas, insultos, conventículos, sedições, ferimentos, latrocínios, mortes, e mais delitos previstos na lei, cuidando por igual de fiscalizar casas alugadas a vadios, jogadores ou pessoas de costumes escandalosos, mudanças de residência, trânsito de viajantes; ficha ou diário de estalajadeiros, taverneiros e vendeiros, entrada de navios, casas de caridade, mendigos, etc.”

- O primeiro intendente foi o carioca Paulo Fernandes Viana, que exerceu a função por 13 anos (1808-1821); ele era um desembargador que já tinha exercido cargos públicos tanto na metrópole quanto no Brasil;

- Em maio de **1809**, é criada a **Guarda Real de Polícia**, uma força policial de tempo integral e organizada militarmente, com ampla autoridade para manter a ordem e perseguir criminosos. Estava subordinada à Intendência Geral de Polícia (como anteriormente existia em Lisboa). Seu primeiro comandante foi o Coronel José Maria Rabelo, que viera para o Brasil juntamente com a Família Real; a G.R.P. é criada (no papel) com um número de 218 homens entre oficiais e não-oficiais, mas tinha **75 homens em 1818** e 90 em fins de 1820;

- A G.R.P. era financiada pela Intendência Geral graças aos fundos obtidos junto a pessoas de posição e através da cobrança de taxas (p.ex. para açoiar os

escravos) e licenças (cobradas dos comerciantes ou dos promotores de eventos públicos)

- No início do século XIX, o açoite era feito em público, nos pelourinhos (a partir de 1829 somente no Calabouço, a prisão para escravos, exceto para os criminosos condenados e lutadores de capoeira que continuam a ser açoitados em público). Uma escolta policial, por volta das 9-10h da manhã, conduzia os escravos para serem açoitados com um chicote de quatro ou cinco pontas; após a punição, voltavam para o Calabouço onde as feridas eram lavadas dolorosamente com vinagre e sal; geralmente era um criminoso negro, que assoviava alto antes de cada golpe, o que fazia a vítima sentir em dobro; entre 1808 e 1824 o pelourinho era na Praça Tiradentes; após esta data passa a ser no Campo de Santana; se um escravo recebesse uma pena grande, 400, 800 chibatadas, a punição era cumprida em vários dias, 50 a 100 chibatadas por dia; um chefe de quilombo, por exemplo, recebeu 100 chibatadas no 1º dia e depois sessões de 30 chibatadas durante vários dias em diferentes pontos da cidade; de acordo com Debret, esses escravos geralmente morriam na prisão com hemorragias e tétano

- Na década de 1820 a polícia cumpria uma ordem para açoitamento particular no Calabouço por 160 réis cem chibatadas; em 1826, os recibos pelas chibatadas pedidas (Arquivo Nacional, Cód.385, Polícia, Receita dos Bilhetes de Correção de Escravos, 1826) revelam que naquele ano foram punidos desta maneira no Calabouço 1786 escravos, 85% do sexo masculino.

Texto nº 4: Trechos de Memórias de um sargento de milícias (1852-1853), de Manuel Antônio de Almeida (1831-1861)

Era no tempo do rei. [D.João VI:1808-1821]

(...)

Mas voltemos à esquina. Quem passasse por aí em qualquer dia útil dessa abençoada época veria sentado em assentos baixos, então usados, de couro, e que se denominavam — cadeiras de campanha — um grupo mais ou menos numeroso dessa nobre gente [i.e. dos meirinhos] conversando pacificamente em tudo sobre que era lícito conversar: na vida dos fidalgos, nas notícias do Reino e nas **astúcias policiais do Vidigal.**

(...)

O canto do Leonardo foi o derradeiro toque de rebate para esquentar-se a brincadeira, foi o adeus às cerimônias. Tudo daí em diante foi burburinho, que depressa passou à gritaria, e ainda mais depressa à algazarra, e não foi ainda mais adiante porque **de vez em quando viam-se passar através das rótulas da porta e janelas umas certas figuras que denunciavam que o Vidigal andava perto.**

(...)

Começando a cerimônia o Leonardo foi obrigado a ajoelhar-se em todos os ângulos da casa, e recitar as orações que já sabia e mais algumas que lhe foram ensinadas na ocasião, depois foi orar junto da fogueira. Neste momento saíram do

quarto três novas figuras, que vieram tomar parte na cerimônia, e começaram então, acompanhando-os o supremo sacerdote, uma dança sinistra em roda do Leonardo. De repente sentiram bater levemente na porta da parte de fora, e uma voz descansada dizer:

— Abra a porta.

— **O Vidigal! disseram todos a um tempo, tomados do maior susto.**

TOMO I - CAPÍTULO V - O VIDIGAL

O som daquela voz que dissera “abra a porta” lançara entre eles, como dissemos, o espanto e o medo. E não foi sem razão; era ela o anúncio de um grande aperto, de que por certo não poderiam escapar. Nesse tempo ainda não estava organizada a polícia da cidade, ou antes estava-o de um modo em harmonia com as tendências e idéias da época. **O major Vidigal era o rei absoluto**, o árbitro supremo de tudo que dizia respeito a esse ramo de administração; era o juiz que julgava e distribuía a pena, e ao mesmo tempo o guarda que dava caça aos criminosos; nas causas da sua imensa alçada não havia testemunhas, nem provas, nem razões, nem processo; ele resumia tudo em si; a sua *justiça* era infalível; não havia apelação das sentenças que dava, fazia o que queria, e ninguém lhe tomava contas. Exercia enfim uma espécie de inquirição policial. Entretanto, façamos-lhe justiça, dados os descontos necessários às idéias do tempo, em verdade não abusava ele muito de seu poder, e o empregava em certos casos muito bem empregado.

Era o Vidigal um homem alto, não muito gordo, com ares de moleirão; tinha o olhar sempre baixo, os movimentos lentos, e voz descansada e adocicada. Apesar deste aspecto de mansidão, não se encontraria por certo homem mais apto para o seu cargo, exercido pelo modo que acabamos de indicar.

Uma companhia ordinariamente de granadeiros, às vezes de outros soldados que ele escolhia nos corpos que havia na cidade, armados todos de grossas chibatas, comandada pelo major Vidigal, fazia toda a ronda da cidade de noite, e toda a mais polícia de dia. Não havia beco nem travessa, rua nem praça, onde não se tivesse passado uma façanha do Sr. major para pilhar um maroto ou dar caça a um vagabundo. A sua sagacidade era proverbial, e por isso só o seu nome incutia grande terror em todos os que não tinham a consciência muito pura a respeito de falcatruas.

Se no meio da algazarra de um fado rigoroso, em que a decência e os ouvidos dos vizinhos não eram muito respeitados, ouvia-se dizer “está aí o Vidigal”, mudavam-se repentinamente as cenas; serenava tudo em um momento, e a festa tomava logo um aspecto sério. Quando algum dos *patuscos* daquele tempo (que não gozava de grande reputação de ativo e trabalhador) era surpreendido de noite de capote sobre os ombros e viola a tiracolo, caminhando em busca de súcia, por uma voz branda que lhe dizia simplesmente “venha cá; onde vai?”, o único remédio que tinha era fugir, se pudesse, porque com certeza não escapava por outro meio de alguns dias de cadeia, ou pelo menos da *Casa da Guarda na Sé*; quando não vinha o *côvado e meio às costas*, como consequência necessária.

Foi por isso que os nossos mágicos e a sua infeliz vítima puseram-se em debandada mal conheceram pela voz quem se achava com eles. Quiseram escapar-se pelos fundos da casa, porém ela estava toda cercada de granadeiros, em cujas mãos se viam a arma de que acima falamos. A porta abriu-se sem muita resistência, e o major Vidigal (porque era com efeito ele) com os seus granadeiros achou-os em flagrante delito de nigromancia: estava ainda acesa a fogueira, e os mais objetos que serviam ao sacrifício.

— Oh! disse ele, por aqui dá-se fortuna...

— Sr. major, pelo amor de Deus...

— Eu tinha desejos de ver como era isso; continuem... sem-cerimônia, vamos.

Os infelizes hesitaram um pouco, porém vendo que resistir seria inútil, começaram de novo as cerimônias, de que os soldados se riam, antevendo talvez qual seria o resultado. O Leonardo estava corrido de vergonha, tanto mais porque o Vidigal o conhecia; e procurava cobrir-se do melhor modo com a sua imunda capa. Ajoelhou-se quase arrastado outra vez no mesmo lugar; e recomeçou a dança, a que o major assistia de braços cruzados e com ar pachorrento. Quando os sacrificadores, julgando que já tinham dançado suficientemente, tentaram parar, o major disse brandamente:

— Continuem.

Depois de muito tempo quiseram parar de novo.

— Continuem, disse outra vez o major.

Continuaram por mais meia hora; passado esse tempo, já muito cansados, tentaram dar fim.

— Ainda não; continuem.

Continuaram por tempos esquecidos, já estavam que não podiam de estafados; o nosso Leonardo, ajoelhado ao pé da fogueira, quase que se desfazia em suor. Afinal o major deu-se por satisfeito, mandou que parassem, e sem se alterar disse para os soldados, com a sua voz doce e pausada:

— Toca, granadeiros.

A esta voz todas as chibatas ergueram-se, e caíram de rijo sobre as costas daquela *honest*a gente, fizeram-na dançar, e sem querer, ainda por algum tempo.

— Pára, disse o major depois de um bom quarto de hora.

Começou então a fazer a cada um, um sermão, em que se mostrava muito sentido por ter sido obrigado a chegar àquele excesso, e que terminava sempre por esta pergunta:

— Então, você em que se ocupa?

Nenhum deles respondia. O major sorria-se e acrescentava com riso sardônico:

— Está bom!

Chegou a vez do Leonardo.

— Pois homem, você, um oficial de justiça, que devia dar o exemplo...

— Sr. major, respondeu ele acabrunhado, é o diabo daquela rapariga que me obriga a tudo isto; já não sei de que meios use...

— Você há de ficar curado! Vamos para a casa da guarda.

Com esta última decisão o Leonardo desesperou. Perdoaria de bom grado as chibatadas que levava, contanto que elas ficassem em segredo; mas ir para a casa da guarda, e dela talvez para a cadeia... isso é que ele não podia tolerar. Rogou ao major que o poupasse; o major foi inflexível. Desfez então a vergonha em pragas à maldita cigana que tanto o fazia sofrer.

A casa da guarda era no largo da Sé; era uma espécie de depósito onde se guardavam os presos que se faziam de noite, para se lhes dar depois conveniente destino. Já se sabe que os amigos de novidades iam por ali de manhã e sabiam com facilidade tudo que se tinha passado na noite antecedente.

Aí esteve o Leonardo o resto da noite e grande parte da manhã, exposto à vistoria dos curiosos. (...)

CAPÍTULO VIII - O PÁTIO DOS BICHOS

Ainda hoje existe no saguão do paço imperial, que no tempo em que se passou esta nossa história se chamava Palácio del-rei, uma saleta ou quarto que os gaiatos e o povo com eles denominavam *o Pátio dos Bichos*. Este apelido lhe fora dado em conseqüência do fim para que ele então servia: passavam ali todos os dias do ano três ou quatro oficiais superiores, velhos, incapazes para a guerra e inúteis na paz, que o rei tinha a seu serviço não sabemos se com mais alguma vantagem de soldo, ou se só com mais a honra de serem empregados no real serviço. Bem poucas vezes havia ocasião de serem eles chamados por ordem real para qualquer coisa, e todo o tempo passavam em santo ócio, ora mudos e silenciosos, ora conversando sobre coisas do seu tempo, e censurando as do que com razão já não supunham do seu, porque nenhum deles era menor de 60 anos. (...)

Vamos fazer o leitor tomar conhecimento com um desses *ativos* militares, que entra também na nossa história. (...)

Assim um dia que uma mulher de mantilha o foi procurar, e se pôs com ele a conversar por algum tempo em particular, passavam uns e outros e escarravam junto da porta, ou deixavam escapar uma ou outra chalaça análoga.

— Amores velhos nunca se esquecem, dizia um.

— Bravo! gosto do bom gosto, dizia outro.

A mulher de mantilha é nossa conhecida, porque nem mais nem menos é a comadre; e o negócio que aí a levou também nos interessa, pois que se trata da soltura do pobre Leonardo. Ouça portanto o leitor a conversa dos dois.

— Sr. tenente-coronel, disse a comadre ao chegar, venho me valer de V. S.^a: meu compadre Leonardo está na cadeia.

— O Leonardo?! mas então por quê?

— Ora! maluquices!

E chegando-se ao ouvido do velho, contou-lhe a comadre baixinho a causa da prisão do Leonardo.

O velho desatou a rir.

— Bem pregado!... disse.

— Agora eu queria que V. S.^a fizesse o favor de falar por ele ao Sr. major Vidigal, que foi quem o prendeu... coitado do homem: é uma vergonha; mas também ele não se emenda! (...)

Esse conhecimento era antigo, e o Leonardo apenas se achou na cadeia, lembrou-se da proteção que o velho lhe podia prestar em semelhante aperto; mandou por um colega chamar a comadre, e a encarregou da missão de ir ter com ele, missão que ela aceitou de bom grado, e que desempenhou, segundo vimos, satisfatoriamente. (...)

Em poucas palavras o velho expôs-lhe o caso e lhe pediu que fosse falar a el-rei em favor de Leonardo.

A princípio opôs ele algumas dúvidas, dizendo:

— Homem, pois eu hei de ir a palácio por causa de um meirinho? El-rei há de rir-se do meu afilhado.

Afinal, porém, teve de ceder a instâncias da amizade, e prometeu tudo. O velho saiu satisfeito e foi levar a nova ao Leonardo, que pulou de contente. Poucos dias depois chegou a ordem de soltura, e ele foi posto na rua. Acreditara que tinha acabado de passar pelo pior dos suplícios, porém insuportáveis torturas começaram para ele no dia em que saiu da cadeia: a mofa, o escárnio, o riso dos companheiros seguiu-o por muitos dias, incessante e martirizador.

(...)

E começou de novo em tentativas, em promessas, em partidos para com a cigana, que a coisa alguma queria dobrar-se. Um dia que a pilhou de jeito à janela abordou-a, e começou *ex-abrupto* a falar-lhe deste modo:

— Você está já em vida no inferno!... pois logo um padre?!...

A cigana interrompeu-o:

— Havia muitos meirinhos para escolher, mas nenhum me agradou...

— Mas você está cometendo um pecado mortal... está deitando sua alma a perder...

— Homem, sabe que mais? você para pregador não serve, não tem jeito... eu como estou, estou muito bem; não me dei bem com os meirinhos; eu nasci para coisa melhor...

— Pois então tem alguma coisa que dizer de mim?... Hei de me ver vingado... e bem vingado.

— Ora! respondeu a cigana rindo-se.

E começou a cantarolar o estribilho de uma modinha.

O Leonardo compreendeu que falando-lhe no inferno e em castigos da outra vida nada arranjava, e decidiu dar-lhe o castigo mesmo nesta vida. Retirou-se murmurando:

— Faço uma estralada, dê no que der...

Poucos dias depois aconteceu que a cigana fazia anos; segundo o costume, apenas apareceu este pretexto, armou-se logo uma função: não nos daremos ao trabalho de descrevê-la; em um dos capítulos antecedentes já viu o leitor o que isso era: viola, modinhas, fado, algazarra, e estava a festa completa. O Leonardo soube logo do que havia, e jurou que esse seria o dia da vingança.

Ser valentão foi em algum tempo ofício no Rio de Janeiro; havia homens que viviam disso: davam pancada por dinheiro, e iam a qualquer parte armar de

propósito uma desordem, contanto que se lhes pagasse, fosse qual fosse o resultado.

Entre os honestos cidadãos que nisto se ocupavam, havia, na época desta história, um certo Chico-Juca, afamadíssimo e temível. Seu verdadeiro nome era Francisco, e por isso chamaram-no a princípio — Chico — ; porém tendo acontecido que conseguisse ele pelo seu braço lançar por terra do trono da valentia a um companheiro que era no seu gênero a maior reputação do tempo, e a quem chamavam — Juca, — juntaram este apelido ao seu, como honra pela vitória, e chamaram-no daí em diante — Chico-Juca.

Este homem era o desespero do Vidigal; tinha-lhe já pregado umas poucas, porém ainda não tinha sido possível agarrá-lo. Os granadeiros conheciam-no às léguas, porém nunca conseguiram pôr-lhe as mãos.

Tendo levado todo o dia à espreita, o Leonardo viu entrar sorrateiramente o mestre-de-cerimônias, pela volta de ave-maria, quando ainda não tinha começado a função.

— Ah! nem esta noite quer perder?! Pois há de sair-lhe cara a funçanata...

Saiu dali e foi direito procurar o Chico-Juca, que era seu antigo conhecido; achou-o em uma taverna defronte do Bom Jesus. O Chico-Juca era um pardo, alto, corpulento, de olhos avermelhados, longa barba, cabelo cortado rente; trajava sempre jaqueta branca, calça muito larga nas pernas, chinelas pretas e um chapelinho branco muito à banda; ordinariamente era afável, gracejador, cheio de ditérios e chalaças; porém nas ocasiões de *sarilho*, como ele chamava, era quase feroz. Como outros têm o vício da embriaguez, outros o do jogo, outros o do deboche, ele tinha o vício da valentia; mesmo quando ninguém lhe pagava, bastava que lhe desse na cabeça, armava brigas, e só depois que dava pancadas a faltar é que ficava satisfeito; com isso muito lucrava: não havia taverneiro que lhe não fiasse e não o tratasse muito bem. (...)

O Leonardo disse então o que queria: tratava-se nada menos do que de ir o Chico-Juca nessa mesma noite, fosse como fosse, à função da cigana, e de armar ali por alta noite uma grande desordem: preveniu-o logo que o Vidigal havia de estar por perto; e assim, apenas estivesse armada a história, era pôr-se ao fresco. A causa de tudo isto o Leonardo não lhe quis explicar, e também ele não teve grande curiosidade de saber: tratava-se de uma desordem; fosse qual fosse o motivo, estava sempre pronto. Assim, depois de se regatear um pouco o preço, chegaram os dois a um acordo, e ficou tudo tratado.

Deixando o Chico-Juca, o Leonardo foi procurar o Vidigal, e deu-lhe parte do que naquela noite havia em casa da cigana, e afiançou-lhe que a coisa acabava por força em desordem. Portanto cumpria que o Sr. major por lá aparecesse para o que desse e viesse.

— Está bem, disse-lhe o Vidigal; você quer tirar sua desforra; é justo. Lá hei de ir, e não precisava a sua advertência, pois já sabia que havia hoje por lá anos, e tinha tenção de aparecer. (...)

O Leonardo retirou-se contente vendo que seu plano saía às mil maravilhas, e dispôs-se a gozar do resultado, pondo-se à espreita de lugar conveniente. Começou a brincadeira. Já se tinha cantado meia dúzia de modinhas e dançado por algum tempo a *tirana*, quando o Chico-Juca apareceu, e por intermédio de um

conhecido (ele os tinha em toda parte) foi introduzido na sala, e começou a observar o que se passava. Havia na sala um quarto cuja porta estava fechada: de vez em quando a cigana lá entrava, demorava-se um pouco e saía; daí a pouco tornava a entrar levando consigo alguma das camaradas mais do peito, e tornava a sair; passado pouco tempo, entrava ainda levando outra amiga. Alguns faziam reparo nisso, outros porém não tinham desconfiança alguma. Já a festa continuando, e lá pela meia-noite, quando começava a *aferventar*, foi de repente interrompida. Viu-se um dos rapazes que tocavam viola parar subitamente, e, interrompendo o estribilho da modinha que cantava, gritar enfurecido:

— Isto passa de mais... varro... menos essa, Sr. Chico-Juca; nada de graças pesadas com essa moça, que é cá coisa minha...

O Chico-Juca estava com efeito há mais de meia hora a dirigir graças das suas a uma moça que ele bem sabia que era *coisa* do rapaz que estava tocando: tanto fez, que este, tendo percebido, proferiu aquelas palavras que acabamos de ouvir.

— Você respinga?!... respondeu-lhe o Chico-Juca dirigindo-se para ele.

O rapaz, que não era peço, pôs-se em pé e replicou:

— Tenho dito, nada de graças com ela!...

Mal tinha pronunciado estas palavras quando o Chico-Juca, arrancando-lhe a viola da mão, bateu-lhe com ela em cheio sobre a cabeça; o rapaz reagiu, e começou a confusão.

O Chico-Juca foi acometido por um pouco; porém ligeiro e destemido, distribuía a cada qual o seu quinhão de cabeçadas e pontapés: algumas mulheres meteram-se na briga, e davam e levavam como qualquer; outras porém desfaziam-se em algazarra. De repente o Chico-Juca embarafustou pela porta fora, e desapareceu.

Era tempo, porque não se tinha passado muito tempo quando assomou na porta, que ele deixara aberta, a figura tranqüila do Vidigal, rodeada por uma porção de granadeiros. O Chico-Juca tinha-lhes escapado, apesar de o terem visto quando saía, porque o major, sendo nessa ocasião poucos os soldados, não quis mandar segui-lo com medo que lhe faltasse gente, pois via que dentro da casa o negócio estava feio. Entrou, pois, deixando-o passar.

Apenas o viram, pararam todos aterrados.

— Então que briga é esta?... disse ele descansadamente.

Começaram todos a desculpar-se como podiam; e segundo o crédito que mereciam pela sua reputação era-lhes distribuía a justiça: se era sujeito já conhecido, e que não era aquela a primeira em que entrava, ficava de lado, e um granadeiro tomava conta dele; os outros eram mandados embora. Neste ínterim a cigana muito perturbada olhava repetidas vezes para a porta do quarto, dando sinais da mais viva inquietação. Não escapou isto ao Vidigal, que no fim de tudo disse a um granadeiro:

— Revista aquele quarto...

A cigana deu um grito; o granadeiro obedeceu e entrou no quarto: ouviu-se então um pequeno rumor, e o Vidigal disse logo cá de fora:

— Traz para cá quem estiver lá dentro.

No mesmo instante viu aparecer o granadeiro trazendo pelo braço o Rev. mestre-de-cerimônias em ceroulas curtas e largas, de meias pretas, sapatos de fivela, e solidéu à cabeça. Apesar dos aparos em que se achavam, todos desataram a rir: só ele e a cigana choravam de envergonhados.

Esta última pôs-se aos pés do Vidigal, mas ele foi inflexível; e o Rev. foi conduzido com os outros para a casa da guarda na Sé, sendo-lhe apenas permitido pôr-se em hábitos mais decentes.

(...)

CAPÍTULO XVI - SUCESSO DO PLANO

Para sossegar os leitores, que estarão sem dúvida com cuidado no mestre-de-cerimônias, apressamo-nos a dizer que não chegou ele a ir à cadeia; o Vidigal quis dar-lhe apenas uma amostra do pano, e depois de o ter exposto na casa da guarda por algumas horas, como já acontecera ao Leonardo, à vistoria pública, o deixou ir embora envergonhado, abatido, maldizendo a idéia que tivera de ir assistir de dentro do quarto à festa dos anos da sua amásia. Quanto ao Leonardo, não cabia em si de contente; por pouco que a sua vingança não tinha sido completa: **vira o seu rival, como já a ele próprio sucedera, preso pelos granadeiros, levado à casa da guarda, sofrendo aí a vistoria dos curiosos; faltara, é verdade, a sova e os dias de cadeia, porém também ele era um simples meirinho, e o mestre-de-cerimônias um sacerdote respeitado, e por isso qualquer coisa bastava para feri-lo gravemente.**

(...)

Todos sabem nesta cidade onde é o Oratório de Pedra; mas o que todos talvez não saibam é para que serviu ele em outros tempos. Sem dúvida naquele oratório havia a imagem de algum santo, e o povo *devoto* ia ali rezar? Exatamente. Mas por que é que hoje não continua essa prática, por que apenas se conserva sobre a parede aquela espécie de guarita de pedra, sem imagem alguma, sem luz à noite, e diante da qual passam todos irreverentemente sem tirar o chapéu e curvar o joelho? Primeiro que tudo extinguiu-se isso pela razão por que se extinguiram muitas coisas boas daquele bom tempo; começaram todos a aborrecer-se de achá-las boas, e acabaram com elas. Depois houve a respeito do Oratório de Pedra muito boas razões policiais para que ele deixasse de ser o que era.

O leitor, que sem dúvida sabe muito bem de quanto eram nossos pais crentes, devotos e tementes a Deus, se admirará talvez de ler que houve razões policiais para a extinção de um oratório. Entretanto é isso uma verdade, e se fosse ainda vivo o nosso amigo Vidigal, de quem já tivemos ocasião de falar em alguns capítulos desta historieta, poderia dizer quanto garoto pilhou em flagrante delito, ali mesmo aos pés do oratório, ajoelhado, contrito e beato.

Quando passava a via-sacra e que se acendia a lâmpada do oratório, o pai de família que morava ali pelas vizinhanças tomava o capote, chamava toda a gente de casa, filhos, filhas, escravos e crias, e iam fazer oração ajoelhando-se entre o povo diante do oratório. Mas se acontecia que o incauto devoto se esquecia da filha mais velha que se ajoelhava um pouco mais atrás e embebido em suas orações não estava alerta, sucedia-lhe às vezes voltar para casa com a família

dizimada: a menina aproveitava-se do ensejo, e sorratamente escapava-se em companhia de um devoto que se ajoelhara ali perto, embrulhado no seu capote, e que ainda há dois minutos todos tinham visto entregue fervorosamente a suas súplicas a Deus.

Aquilo era a execução do plano concertado na véspera ao cair de ave-marias, através dos postigos da rótula. Outras vezes, quando estavam todos os circunstantes entregues à devoção, e que a ladainha entoada a compasso enchia aquele circuito de contrição, ouvia-se um grito agudo e doloroso que interrompia o hino; corriam todos para o lugar donde partira, e achavam um homem estendido no chão com uma ou duas facadas.

Não levamos ainda em conta as inocentes caçoadas que a todo o instante faziam os gaiatos. Eis aqui pois por que, além de outros motivos, dissemos que tinham havido razões policiais para que se acabasse com as piedosas práticas do Oratório de Pedra.

(...)

Leonardo ouviu tudo sem interromper, procurando sopear a raiva; e enquanto Chiquinha tomava fôlego, respondeu com voz trêmula e entrecortada:

— Não se meta com a minha vida, porque eu também não me importo com a sua; se estou com os azeites...

— **Ah! bom côvado e meio!** atalhou Chiquinha, **ah! bordo da nau!... ah! major Vidigal!...**

— Já lhe disse...

— Qual já lhe disse, nem meio já lhe disse!... namorado sem ventura...

(...)

Leonardo passava vida completa de vadio, metido em casa todo o santo dia, sem lhe dar o menor abalo o que se passava lá fora pelo mundo. O seu mundo consistia unicamente nos olhos, nos sorrisos e nos requebros de Vidinha.

Um dia forjaram uma patuscada semelhante à que dera origem ao conhecimento do Leonardo com a família. Deviam sair de madrugada da cidade e passarem fora o dia. Preparou-se tudo: cestos de comida, esteiras e mais arranjos. Vidinha mandou encordoar de novo sua viola; avisaram-se os convivas do costume.

À hora aprazada partiram.

Quem estivesse menos distraído pelo prazer da patuscada do que estava qualquer dos suciantes, notaria que os dois primos deixavam-se de vez em quando ficar atrás, e cochichavam como se tramassem uma conspiração. Ninguém porém dera atenção a semelhante coisa.

Chegaram ao lugar determinado ao romper do dia. Apenas começavam a preparar-se para o almoço, viram surgir, ninguém soube bem de onde, a figura alta, magra, severa e sarcástica do nosso célebre major Vidigal. Correu por todos um sinal de pouco contentamento, exceto pelos primos, que trocaram entre si um olhar de inteligência e triunfo.

Os olhos de Vidinha dirigiram-se instintivamente para Leonardo.

O major Vidigal deixou passar o primeiro momento de surpresa, e depois, sorrindo-se, disse, como costumava, com sua voz descansada:

— Não tenham medo de mim, que não sou nenhum papa-crianças, nem eu venho desmanchar prazeres de ninguém. Quero só saber quem é aqui o amigo Leonardo.

Vidinha fez logo cara de choro. Leonardo levantou-se sem saber como, e disse todo trêmulo:

— Sou eu...

— Ora vejam, respondeu o Vidigal em tom de mofa, eu não sabia!... Pois, meus amigos, não se assustem que o caso não foi para tanto: um súcio de menos numa patuscada não faz falta nenhuma. Este amigo vai conosco. Se ele puder, voltará em breve... mas creio que já não chegará a tempo para acabar a patuscada.

— Qual, meu Deus! mas por que é então isto? que mal é que ele fez?

— Ele não fez nem faz *nada*; mas é mesmo por não fazer nada que isto lhe sucede. Leva, granadeiro.

E um dos granadeiros com que viera o major acompanhado foi tratando de conduzir o Leonardo.

O Vidigal seguiu-os tranqüilamente, sem alterar o passo, e dizendo polidamente:

— Adeus, minha gente. (...)

e voltemos a saber o que foi feito do Leonardo, a quem deixamos na ocasião em que fora arrancado pelo Vidigal dos braços do amor e da folia.

O Vidigal tinha-o posto diante de si, ao lado de um granadeiro, e marchava poucos passos atrás. Enquanto caminhavam o granadeiro pretendeu dar-lhe conversa; mas ele a nada respondia, parecendo absorto em grave cogitação.

Quem estivesse muito atento havia de notar que algumas vezes o Leonardo parecia, ainda que muito ligeiramente, apressar o passo, que outras vezes o retardava, que seu olhar e sua cabeça se voltavam de vez em quando, quase imperceptivelmente, para a esquerda ou para a direita. O Vidigal, a quem nada disto escapava, achava em todas estas ocasiões pretextos para dar sinais de si; tossia, pisava mais forte, arrastava no chão o chapéu-de-sol que sempre trazia na mão, como quem queria dizer ao Leonardo, respondendo aos seus pensamentos íntimos:

— Cuidado! eu aqui estou. — E o Leonardo entendia tudo aquilo às mil maravilhas; contraía os lábios de raiva e de impaciência. Entretanto nem por isso abandonava a sua idéia: queria fugir. Desconfiava que ia para a Casa da Guarda, e pedia interiormente aos seus deuses que alongassem de muitas léguas as ruas que tinha de percorrer. Quando via de longe uma esquina dizia consigo: — É agora; quebro por ali fora, e bato pernas. — Porém ao chegar perto da esquina, o Vidigal achava alguma coisa que dizer ao granadeiro, e passava-se a esquina. Se lhe aparecia à direita ou à esquerda um corredor aberto, pensava consigo: — Embarafusto por ali adentro, e sumo-me. — Mas no momento em que ia tomar a última decisão, parecia-lhe sentir a mão do Vidigal que o agarrava pela gola da jaqueta, e esfriava. Não eram os granadeiros que lhe metiam medo; nunca em todos os planos de fugir que lhe passavam naquela ocasião pela cabeça contou uma só vez com eles; mas **o Vidigal, o cruel major**, era a quantidade constante de seus cálculos. (...)

Repentinamente uma circunstância veio favorecê-lo. Não sabemos por que causa ouviu-se um grande alarido na rua: gritos, assovios e carreiras. O Leonardo teve uma espécie de vertigem: zuniram-lhe os ouvidos, escureceram-se-lhe os olhos, e... dando um encontrão no granadeiro que estava perto dele, desatou a correr. O Vidigal deu um salto, e estendeu o braço para o agarrar; mas apenas roçou-lhe com a ponta dos dedos pelas costas. O rapaz tinha calculado bem: o Vidigal distraiu-se com o ruído que se fizera na rua, e aproveitou a ocasião. O Vidigal e os granadeiros soltaram-se imediatamente em seu alcance: o Leonardo embarafustou pelo primeiro corredor que achou aberto; os seus perseguidores entraram incontinenti atrás dele, e subiram em tropel o primeiro lance da escada. Apenas o haviam dobrado, e subiam o segundo, abriram-se as cortinas de uma cadeirinha que se achava na entrada, e pela qual tinham eles passado, sai dela Leonardo, e de um pulo ganha a rua. Ao entrar, tendo dado com aquele refúgio, metera-se dentro; os granadeiros e o Vidigal não haviam reparado em tal com a precipitação com que entraram, e isso lhe valeu. (...) **O major Vidigal fora às nuvens com o caso:** nunca um só garoto, a quem uma vez tivesse posto a mão, lhe havia podido escapar; e entretanto aquele lhe viera pôr sal na moleira; ofendê-lo em sua vaidade de bom comandante de polícia, e degradá-lo diante dos granadeiros. Quem pregava ao major Vidigal um logro, fosse qual fosse a sua natureza, ficava-lhe sob a proteção, e tinha-o consigo em todas as ocasiões. Se o Leonardo não tivesse fugido, e arranjasse depois a soltura por qualquer meio, o Vidigal era até capaz, por fim de contas, de ser seu amigo; mas tendo-o deixado mal, tinha-o por seu inimigo irreconciliável enquanto não lhe desse desforra completa.

Já se vê pois que as fortunas do Leonardo redundavam-lhe sempre em mal: **era realmente um mal naquele tempo ter por inimigo o major Vidigal**, principalmente quando se tinha, como o Leonardo, uma vida tão *regular* e tão *lícita*.

Veremos agora o que se passou na casa em que entrara o Vidigal com os granadeiros em procura do Leonardo.

(...)

TOMO II - CAPÍTULO XIV - O VIDIGAL DESAPONTADO

O major Vidigal, vendo-se logrado, deu urros; e, como já fizemos sentir aos leitores, prometeu a si mesmo tomar séria vingança do Leonardo.

— Ora, dizia ele consigo, gastar meu tempo nesta vida, gastar os meus miolos a pensar nos meios de dar caça a quanto vagabundo gira por esta cidade, conseguir, à custa de muitos dias de fadiga, de muitas noites passadas sem pregar olho, de muita carreira, de muito trabalho, fazer-me temido, respeitado por aqueles que a ninguém temem e respeitam, os vadios e peraltas; e agora no fim de contas vir um mequetrefezinho pôr-me sal na moleira, envergonhar-me diante destes soldados e de toda esta gente! Agora, não há garoto por aí que, sabendo disto, não se esteja a rir de mim, e não conte já com a possibilidade de me pregar um segundo mono como este!...

O major tinha razão: riam-se com efeito dele; e os primeiros que o faziam eram os granadeiros. Apesar de que, escravos da disciplina, empregavam os mais

sinceros esforços para coadjuvá-lo; e apesar também de que revertia para eles alguma glória das façanhas do major, não puderam entretanto deixar de achar graça no que acabava de suceder, pois conheciam a presunção do Vidigal, e repararam na cara desapontada com que ele havia ficado. Depois, apenas o major pôs pé fora da soleira da casa onde lhe tinha escapado Leonardo, uma multidão imensa que tudo havia presenciado desatou a rir estrondosamente.

— Então, Sr. major, dizia-lhe um dos da turba, desta vez

*Passarinho foi-se embora,
Deixou-me as penas na mão.*

(...) — Se aqueles rapazes da Conceição, dizia consigo o Vidigal, que me foram levar a nota do tal malandro, me tivessem avisado que ele era desta laia, eu não teria passado por esta imensa vergonha.

Por estas palavras vêem os leitores que as imputações da Vidinha contra os primos tinham mais que muito fundamento. Com efeito, o que se acabava de passar não era senão o resultado do ajuste que no dia da grande briga, por aquele motivo que o leitor bem sabe, haviam feito os dois rivais: tinham eles malsinado ao Leonardo. Foram ter com o Vidigal, e sem precisar mentir armaram ao Leonardo uma cama muito bem-feita: **era um homem sem ofício nem benefício, vivendo à custa alheia**, enchendo de pernas a casa de duas mulheres velhas, a quem não tinha aproveitado a experiência, e, o que é mais, roubando aos primos o amor de sua prima.

O Vidigal regalara os olhos ouvindo a narração, e ficara muito agradecido aos dois rapazes pela nova que lhe levaram: **era mais um pendão que ia juntar aos louros de suas façanhas policiais**. A primeira tentativa custou-lhe porém bem caro.

Eis aqui pouco mais ou menos as reflexões em que o major ia engolfado: — Nada lhe seria mais agradável do que dia mais dia menos, quando ninguém pensasse em tal, acompanhado de uma escolta de granadeiros, dirigir-se à casa das duas velhas, cercá-la, e pilhar o Leonardo sem que lhe pudesse escapar. Isto porém repugnava ao seu orgulho ofendido. Muitas vezes se tinha, é verdade, servido desse meio, porém fora isso para poder pilhar a capadócios de longa data, tidos e havidos como tais, e velhos no ofício. Não queria pois servir-se do mesmo meio para agarrar um recruta no ofício, que ainda agora começava. Nada, tal não fazia; não havia fazer cerco, e o que é mais, **não queria de modo algum o adjutório dos granadeiros; jurava a si mesmo que ele sozinho, sem o apoio de ninguém, havia de pôr a mão no Leonardo**.

(...)

TOMO II - CAPÍTULO XV - CALDO ENTORNADO

A comadre, tendo deixado o major entregue à sua vergonha, dirigira-se imediatamente para a casa onde se achava Leonardo para felicitá-lo e contar-lhe o desespero em que a sua fuga tinha posto o Vidigal. O Leonardo contava com isso, e não se admirou; Vidinha porém e as duas velhas, por entre muita praga e esconjuro, deram grandes risadas à custa do major. A comadre, segundo seu

costume, aproveitou o ensejo, e depois que se aborreceu de falar no major desenrolou um sermão ao Leonardo, no qual, algumas exagerações de parte, havia grande fundo de justiça; e tanto que até a própria Vidinha chegou a dar-lhe inteira razão quanto a alguns trechos. O tema do sermão foi a necessidade de buscar o Leonardo uma ocupação, de abandonar a vida que levava, gostosa sim, porém sujeita a emergências tais como a que acabava de dar-se. A sanção de todas as leis que a pregadora impunha ao seu ouvinte eram as garras do Vidigal.

— Haveis de afinal cair-lhe nas unhas, dizia ela no fim de cada período; e então o côvado e meio te cairá também nas costas.

Esta idéia do côvado e meio fez brecha no espírito do Leonardo: **ser soldado era naquele tempo, e ainda hoje talvez, a pior coisa que podia suceder a um homem.** Prometeu pois sinceramente emendar-se e tratar de ver um arranjo em que estivesse ao abrigo de qualquer capricho policial do terrível major. Achar porém ocupação para quem nunca cuidou nela até certa idade, e assim de pé para mão, não era das coisas mais fáceis.

Entretanto o zelo da comadre pôs-se em atividade, e poucos dias depois entrou ela muito contente, e veio participar ao Leonardo que lhe tinha achado um excelente arranjo que o habilitava, segundo pensava, a um grande futuro, e o punha perfeitamente a coberto das iras do Vidigal; era o arranjo de servidor na ucharia real. Deixando de parte o substantivo ucharia, e atendendo só ao adjetivo real, todos os interessados e o próprio Leonardo regalaram os olhos com o achado da comadre. Empregado da casa real?! oh! isso não era coisa que se recusasse; e então empregado na ucharia! essa mina inesgotável, tão farta e tão rica!... A proposta da comadre foi aceita sem uma só reflexão contra, da parte de quem quer que fosse.

Como a comadre pudera arranjar semelhante coisa para o afilhado, é isso que pouco nos deve importar.

Dentro de poucos dias achou-se o Leonardo instalado no seu posto, muito cheio e contente de si.

O major, que o não perdia de vista, soube-lhe dos passos, e mordeu os beiços de raiva quando o viu tão bem aquartelado; só deixando a vida que levava podia o Leonardo cortar ao major pretextos para pôr-lhe a unha mais dia menos dia.

— Se ele se emenda?! dizia pesaroso o major; se ele se emenda perco eu a minha vingança... Mas... (e esta esperança o alentava) ele não tem cara de quem nasceu para emendas.

O major tinha razão: o Leonardo não parecia ter nascido para emendas. Durante os primeiros tempos de serviço tudo correu às mil maravilhas; só algum mal-intencionado poderia notar em casa de Vidinha uma certa fartura desusada na despensa; mas isso não era coisa em que alguém fizesse conta.

(...) [Leonardo é despedido da ucharia depois de se meter com a mulher do chefe]

No dia seguinte já o Vidigal sabia de cor e salteado tudo quanto havia sucedido ao Leonardo, e pôs-se alerta, pois que a ocasião era oportuna.

(...)

Já estavam no largo do Paço: Vidinha, quase a correr, deixou o Leonardo umas poucas de braços atrás de si, entrou muito adiante dele pelo portão da

ucharia adentro, e desapareceu. O Leonardo parou um instante a resolver-se se entraria também ou não. Finalmente decidiu-se a entrar. No momento em que ia transpondo a soleira do portão, voltou repentinamente, e ia disparando uma carreira: uma mão magra, mas vigorosa, o deteve agarrando-o pela gola da jaqueta: era a mão do major Vidigal, com quem ele havia esbarrado ao querer entrar, e de quem pretendia fugir. Vendo que lhe seria inútil qualquer tentativa, porque ali perto havia guarda, o Leonardo resignou-se. O major olhou para ele soltando uma risadinha maligna, e disse-lhe apenas muito pausada e descansadamente:

— Ora, vamos...

O Leonardo entendeu bem a significação daquelas duas palavras, e caminhou, ao lado do major, na direção que este lhe indicava.

(...)

— É verdade, e ele que ainda não veio... já tinha tempo de chegar, pois partiu logo no vosso alcance...

— É verdade... acrescentou Vidinha com certo susto; na tal cova da ucharia não entrou ele; e quando de lá saí não o vi mais...

— Não lhe vá ter sucedido alguma coisa!... **O major o jurou!...**

— **O major!... repetiram todas com os sinais do mais visível susto.**

(...)

Infelizmente naquela noite recolheu-se mais tarde que de costume, e quando chegou já não era tempo de fazer coisa alguma. Toda a família passou a noite na maior ansiedade, desvanecidas de certa hora em diante as esperanças de ver chegar o Leonardo a cada momento. Ninguém duvidava mais que alguma coisa tivesse sucedido ao Leonardo, e nos quadros medonhos que cada qual imaginava, a figura do major Vidigal aparecia sempre em primeiro plano; ninguém também duvidava que no quer que fosse que houvesse sucedido ao Leonardo, o major teria por força parte ativa e importante, senão principal.

Assim, ao amanhecer do dia seguinte o primeiro lugar onde mandaram saber dele foi na Casa da Guarda. Mas, com surpresa geral, ele não se achava nela, nem sabiam notícias suas; procurou-se em diversos outros pontos, e nada de novo, nem novas nem mandados.

(...)

Pouparemos aos leitores certos detalhes, e diremos que o resultado de tudo aquilo foi ver-se, poucos dias depois, o *toma-largura* em casa de Vidinha fazendo uma visita à família!!...

As visitas continuaram, e pela vizinhança começou a ouvir-se um rumor que tinha tanto de malévolo como de verdadeiro.

Estavam as coisas neste pé. A paz tinha sido restituída à família. Não sei quem propôs que se solenizasse o restabelecimento do sossego e as *novas venturas* com uma súplica para fora da cidade. Efetuou-se semelhante pensamento. Por uma singularidade escolheram para lugar da patuscada os — Cajueiros, — onde a família tinha feito conhecimento com o Leonardo.

O *toma-largura* fora convidado, nem podia deixar de sê-lo, porque era ele um dos motivos da festa. Infelizmente porém tinha ele um defeito: no estado ordinário costumava beber sofrivelmente; quando tinha algum motivo de alegria costumava

dobrar a dose, e quando isto sucedia dava-lhe para valentão e desordeiro. Disto resultou que no meio da súcia, na ocasião de jantar, deu-se por ofendido, não sabemos por que, e começou por agarrar nas pontas da esteira que servia de mesa, e fazer voar sobre a cabeça dos convivas pratos, garrafas, copos e tudo o mais. Os dois primos quiseram contê-lo, mas não o conseguiram: Vidinha chorava, as velhas se maldiziam; uns tentavam restabelecer a paz, e outros aumentavam a desordem. Reinava por conseqüência uma algazarra infernal.

Quando menos o esperavam, viu-se surdir dentre as moitas o major Vidigal fechando um círculo de granadeiros que partiam de sua esquerda e de sua direita, e que encerravam toda a súcia.

— Segura aquele homem, granadeiro, disse o major a um dos seus soldados, apontando para o *toma-largura* que se achava em pé cambaleando, tendo numa mão um balaio em que viera a farinha, e na outra uma garrafa com que ameaçava os circunstantes.

À ordem do major o granadeiro hesitou: toda a família, reunindo-se em um grupo, soltou um grito de espanto apontando para o soldado.

— Então! replicou o major vendo aquela hesitação.

O granadeiro deu um passo para o *toma-largura*.

— Devagar com a louça, camarada, bradou este; lembre-se que ainda não ajustamos contas a respeito daquele *caldo*...

O *toma-largura* acabava de reconhecer no granadeiro o nosso amigo Leonardo, como toda a família o tinha reconhecido apenas ele apareceu.

Era com efeito ele.

TOMO II - CAPÍTULO XIX - O GRANADEIRO

Estavam pois as contas ajustadas completamente entre o Leonardo e o *toma-largura*; haviam-se vingado um do outro: o último golpe na luta competira ao Leonardo: **ele abençoou o acaso, e mesmo o major Vidigal, por lhe ter fornecido ocasião de ir arrancar dos lábios de seu rival a taça da ventura. Até quase que estimou que lhe tivessem sentado praça**; e bem dissemos nós que para ele não havia fortuna que não se transformasse em desdita, e desdita de que lhe não resultasse fortuna.

O *toma-largura*, como dissemos, fora levado pelo Leonardo; e os leitores, familiarizados com o destino que tinham todos os prisioneiros do major Vidigal, adivinham já que lhe indicaram o caminho da Casa da Guarda no largo da Sé. O estado em que ele se achava não permitiu porém que o levassem até lá. (...) Os soldados não o puderam levantar, porque era, como dissemos a princípio, de uma corpulência colossal. Foi mister pois abandonar a presa: o major não teve grande dificuldade nisso, primeiro, pelo trabalho que daria qualquer outra resolução, segundo, porque **se bem que da última classe, sempre era o *toma-largura* gente da casa real, e nesse tempo tal qualidade trazia consigo não pequenas imunidades**.

O Leonardo tentou ainda alguns meios para que lhe não escapasse assim sem resultado mais estrondoso a primeira presa que fazia, pois era isto de mau

agouro para o seu futuro militar; mas também sua mais bela vingança estava tomada.

Ficou pois o *toma-largura* abandonado na calçada.

Satisfaçamos agora em poucas palavras a curiosidade que têm sem dúvida os leitores de saber o como chegara o Leonardo à posição em que se achava. Agarrado pelo major na porta da ucharia, como se sabe, fora por ele em pessoa conduzido a lugar seguro, donde só saíra para sentar praça no Regimento Novo. Todos os batalhões que havia na cidade tinham uma companhia de granadeiros, e, havendo uma vaga na companhia do Regimento Novo, fora o Leonardo escolhido para preenchê-la. Sabendo disto o major, reclamou-o para seu serviço (porque **era dessas companhias de granadeiros que se tiravam soldados para o serviço policial**), pois, como homem experimentado naquelas coisas, **pressentira que ele lhe seria um valioso auxiliar. Até um certo ponto o major não se enganou.** Com efeito o Leonardo, sendo naturalmente astuto, e tendo até ali vivido numa rica escola de vadiação e peraltismo, deveria conhecer todas as manhas do ofício. Havia porém uma circunstância que o impedia de prestar bons serviços, e era que com ele próprio, com suas próprias façanhas, tinha muitas vezes o major de gastar o tempo que lhe era preciso para o demais. O poder dos hábitos adquiridos era nele tal, que nem mesmo o rigor da disciplina lhe servia de barreira.

Contemos a primeira diabrura que lhe lembrou praticar depois que vestiu farda, e que foi tanto mais sensível quanto a princípio se mostrara um soldado por tal maneira sisudo que ia quase adquirindo reputação de rígido.

Os gaiatos e suciantes da cidade, a quem o major Vidigal dava constantemente caça, lembraram-se de imortalizar as suas façanhas por qualquer meio, e inventaram um fado com o seguinte estribilho nas cantigas:

Papai lêlê, seculorum.

Nesse fado a personagem principal representava o major, que, figurado morto, vinha estender-se amortalhado no meio da sala; as demais personagens cantavam-lhe em roda cantigas alusivas, que terminavam todas pelo estribilho que acima indicamos.

O major, que disto soubera, andava em busca de uma ocasião oportuna para tirar desforra de semelhante gracejo, que dava a entender qual era, a seu respeito, o desejo dos que o tinham inventado. Teve um dia denúncia que numa casa do morro da Conceição se preparava para essa noite um rigoroso — *Papai lêlê,* — e dispôs as coisas para pilhar os da roda em flagrante.

À hora oportuna mandou dois ou três granadeiros adiante, cada um por sua vez, para examinar o que havia, tendo combinado primeiramente um sinal positivo e outro negativo para indicarem uns aos outros se havia ou não ocasião e motivo de dar o assalto: estes sinais o granadeiro que devia aproximar-se mais da casa comunicaria ao que lhe ficasse imediato; este passaria adiante, o outro faria o mesmo até chegar ao lugar em que estava o major; era um verdadeiro sistema de sentinelas avançadas, como se se tratasse de uma grande campanha. No caso de ser dado o sinal positivo,

marchariam todos vagarosamente, e se reuniriam para o assalto; dado o sinal negativo, dispersar-se-iam em silêncio, porque um dos maiores caprichos do major era nunca mostrar que havia sido logrado. Ao Leonardo coube a incumbência de ser a vedeta mais próxima ao inimigo, e de dar o primeiro sinal. Marchou pois adiante, e os companheiros postaram-se à espera. Esperaram por longo tempo, e cansaram de esperar; finalmente, quando já se iam dispondo a contravir as ordens e abandonar o posto para procurar o Leonardo, ouviram três vezes seguidas um longo assovio, que era o sinal negativo convencional. Em virtude disto dispersaram-se exasperados, e foram depois reunir-se ao major embaixo da ladeira, no lugar que dá para a entrada do Aljube. Aí reunidos, esperaram muito tempo pelo Leonardo sem que ele aparecesse. O major principiou a cismar com o caso; de novo e repentinamente deu ordem de subir o morro. Subiram com efeito, e, marchando desta vez o major adiante, foram ter à casa indicada. Com surpresa de todos, apenas se foram aproximando viram luzes e ouviram o zunzum das violas e a toada das cantigas. Fervia dentro o fado rigoroso. Sem necessitar grandes precauções, porque todos pareciam entregues à maior segurança, cercou o major a casa, e apanhou tudo, como se costuma dizer, com a boca na botija. Estava-se exatamente no ponto solene da cerimônia.

Achava-se a personagem que representava o *Papai* amortalhado em um lençol, com a cabeça coberta, deitado no chão, e a chusma em roda a cantar e a dançar.

Quando o major bateu, e foi entrando, acompanhado da sua gente, ficou tudo gelado de medo: o sujeito que se achava amortalhado teve um grande estremeção e ficou depois imóvel, como se fosse de pedra, representando com mais propriedade do que talvez desejasse o papel de morto. Segundo seu costume, o major fez continuar por um pouco a brincadeira em sua presença. Depois começou a indagação das ocupações de cada um, e, conforme o que colhia, os foi mandando embora, ou pondo de parte, para lhes dar melhor destino. Durante toda esta cena, que levou seu tempo, o amortalhado deixou-se ficar imóvel, na mesma posição, com a cabeça coberta. Corrida toda a roda, disse-lhe o major:

— Olá, camarada da mortalha, então deveras você quer que o levem daí para a cova?

Nem um movimento em resposta.

— Ah! está morto; perdeu a fala; é natural.

Silêncio profundo.

O major fez sinal a um dos granadeiros, que tocou no sujeito com a ponta do camarão: nem assim porém ele sequer moveu-se. A um novo sinal do major o granadeiro desandou-lhe uma tremenda lambada. Ressuscitou com isso o morto, e pôs-se de um salto em pé. Procurou porém evadir-se por uma janela, conservando sempre a cabeça coberta: os granadeiros seguraram-no, e o major disse-lhe:

— Homem, você por estar morto não tenha tanta pressa de ir para o inferno: fale primeiro com a gente.

E tirando-lhe o pano da cara acrescentou:

— Ora, vamos ver a cara do defunto...

Um grito de espanto, acompanhado de uma gargalhada estrondosa dos granadeiros, interrompeu o major. Descoberta a cara do *morto*, reconheceu-se ser ele o nosso amigo Leonardo! (...)

TOMO II - CAPÍTULO XX - NOVAS DIABRURAS

Não sabemos se valeu ao Leonardo ser aquela a primeira ocasião em que incorria em castigo, tendo até então guardado a mais rigorosa observância de todos os seus deveres, ou se a mesma audácia do fato lhe granjeara mais as simpatias do major; o caso foi que além das risadas, dos remoques dos camaradas e dos transe da meia hora que estivera amortalhado, nada mais lhe sucedeu, com espanto de todos, e principalmente dele mesmo: o major dera daquele modo uma grande prova de desusada benevolência. Andou pois o Leonardo por alguns dias cabisbaixo e pensativo, como esmagado ao peso de grandes remorsos; os camaradas tiravam daquilo um partido imenso para meterem-no à bulha, e não o deixavam parar um só instante sossegado na companhia.

— Ele ainda não está bem ressuscitado, dizia um passando-lhe por perto.

— Qual! dizia outro, ele já não é deste mundo.

— *Papai lélê, seculorum*, entoavam outros em coro.

A nenhuma destas coisas dava ele a menor resposta, e tinha nisso bom aviso, porque desse modo poupava aos desapiedados camaradas tema para novos remoques. Passados aqueles transe tudo foi esquecido, e as coisas entraram de novo em seus eixos ordinários.

Um dia o major anunciou que tinha uma grande e importante diligência a fazer.

Havia um endiabrado patusco que era o tipo perfeito dos capadócios daquele tempo, sobre quem há muitos meses andava o major de olhos abertos, sem que entretanto tivesse achado ocasião de pilhá-lo: sujeitinho cuja ocupação era uma indecifrável adivinhação para muita gente, sempre andava entretanto mais ou menos apatacado: tudo quanto ele possuía de maior valor era um capote em que andava constantemente embuçado, e uma viola que jamais deixava. Gozava reputação de homem muito divertido, e não havia festa de qualquer gênero para a qual não fosse convidado. Em satisfazer a esses convites gastava todo o seu tempo. Ordinariamente amanhecia numa súcia que começara na véspera, uns anos, por exemplo; ao sair daí ia para um jantar de batizado; à noite tinha uma ceia de casamento. A fama que tinha de homem divertido, e que lhe proporcionava tão belos meios de passar o tempo, devia-a a certas habilidades, e principalmente a uma na qual não tinha rival. Tocava viola e cantava muito bem modinhas, dançava o fado com grande perfeição, falava *língua de negro*, e nela cantava admiravelmente, fingia-se aleijado de qualquer parte do corpo com muita naturalidade, arremedava perfeitamente a fala dos meninos da roça, sabia milhares de adivinhações, e finalmente, — eis aqui o seu mais raro talento, — sabia com rara perfeição fazer uma variedade infinita de caretas que ninguém era capaz de imitar. Era por consequência as delícias das espirituosas

sociedades em que se achava. Quem dava uma súplica em sua casa, e queria ter grande roda e boa companhia, bastava somente anunciar aos convidados que o Teotônio (era este o seu nome) se acharia presente.

Agora quanto à sua ocupação ou meio de vida, que para muitos era, como dissemos, impenetrável segredo, o major Vidigal tanto fez que a descobriu: em dias designados da semana reunia-se no sótão onde ele morava certo número de pessoas que levavam até alta noite aí metidas: **Teotônio era o banqueiro de uma roda de jogo.**

Nesta conformidade andava o major a querer pilhá-lo em flagrante; e, como tentava isso desde muito sem que o pudesse conseguir, por ser sempre iludida a sua vigilância pela troca constante que faziam os da roda dos seus dias de reunião, resolveu pôr a mão no Teotônio na primeira ocasião, e servir-se depois dele para a captura dos outros companheiros.

Como os leitores estarão lembrados, o Leonardo-velho, isto é, o Leonardo-Pataca, vivia com a filha da comadre; dela tinha um descendente, a cujo nascimento nós os fizemos assistir. Pois, apesar de haver já passado algum tempo, a criança ainda não estava batizada. O Leonardo-Pataca, a instâncias da comadre, que muito se afligia com aquela demora, determinou finalmente o dia que ela se devia fazer cristã. Segundo os hábitos imutáveis, havia súplica por essa ocasião; e, segundo a moda, foi o Teotônio convidado. O major soubera de tudo, e era exatamente aí que o esperava, e tinha determinado pilhá-lo. Para isso dera aos seus soldados o aviso de que acima falamos.

Era má sina do major ter sempre de andar desmanchando prazeres alheios; e infelicidade para nós que escrevemos estas linhas estar caindo na monotonia de repetir quase sempre as mesmas cenas com ligeiras variantes: a fidelidade porém com que acompanhamos a época, da qual pretendemos esboçar uma parte dos costumes, a isso nos obriga.

À hora ajustada chegou o major à casa do Leonardo-Pataca; como não havia o menor motivo para violências, porque tudo corria na mais perfeita paz, o major entrou sozinho, com prévia permissão do Leonardo-Pataca, e assistiu ao divertimento. Quando ele chegou estava exatamente Teotônio em cena com as suas habilidades. Tendo esgotado já todas elas, ia recorrer à última, que era a das caretas. É preciso notar que ele não sabia só fazer caretas a capricho, sabia-as também fazer imitando, pouco mais ou menos, esta ou aquela cara conhecida: era isso o que fazia morrer de riso aos circunstantes.

Estavam todos sentados, e o Teotônio em pé no meio da sala olhava para um, e apresentava uma cara de velho; virava-se repentinamente para outro, e apresentava uma cara de tolo a rir-se asnaticamente; e assim por muito tempo mostrando de cada vez um tipo novo. Finalmente, tendo já esgotado toda a sua arte, correu a um canto, colocou-se numa posição que pudesse ser visto por todos ao mesmo tempo, e apresentou a sua última careta. Todos desataram a rir estrondosamente apontando para o major.

Acabava de imitar com muita semelhança a cara comprida e chupada do Vidigal.

O major mordeu os beiços percebendo a caçoada do Teotônio; e se já tinha boas tenções a seu respeito, ainda as formou melhor naquela ocasião.

As risadas continuaram por muito tempo; e ele, não podendo afrontá-las impassível, e não havendo, como já fizemos sentir, motivo justo para um rompimento, achou mais conveniente retirar-se, e pondo-se em posição conveniente, esperar que a súcia se debandasse, para então convidar o Teotônio a ir fazer algumas caretas aos granadeiros na Casa da Guarda.

Saiu pois completamente corrido.

Encontrando os seus granadeiros que tinham ficado a pouca distância, dirigiu-se ao Leonardo, e fez-lhe sentir que, querendo a todo o custo naquela noite segurar o Teotônio, temia que os de casa desconfiassem disso e lhe dessem escapula por qualquer meio; era-lhe pois mister uma pessoa que o fosse vigiar de perto sem que despertasse suspeitas: essa pessoa devia ser o Leonardo.

— Sou malvisto em casa de meu pai, replicou este à proposta do major.

— É hoje um bom dia de conciliação...

— Talvez não queiram receber-me...

— E sua madrinha que lá se acha?...

— Mas a filha que é uma víbora contra mim?...

— Víbora ou não, há de ir; que quando manda a disciplina... Não quero que aquele valdevinos ande tomando impunemente a minha cara para original de caretas.

Os granadeiros, que conheciam o Teotônio e lhe sabiam da habilidade, compreenderam logo o que tinha sucedido por aquele dito do major, e desataram por seu turno a rir. O Leonardo, por aquele apelo à disciplina, com a qual não se achava em muito bom pé de relações desde a noite do *papai-lêlé*, venceu todas as dificuldades e repugnância que manifestara no desempenho da missão de que o encarregara o major, e pôs-se a caminho para a casa de seu pai.

Chegou e bateu: **assim que de dentro lhe perceberam as cores da farda e barretina houve um grito de medo, e por um movimento que parecia combinado (o major tinha razão!) foram repentinamente apagadas todas as velas da sala, e começou a reinar uma confusão tal que parecia haver-se travado uma luta entre todos.**

O Leonardo viu nisso uma primeira contrariedade, porém não deixou de achar graça no susto que causara. Resolveu então falar da parte de fora para tranquilizar os medrosos.

— Bom modo de ser recebido um filho em casa de seu pai! Para quarta-feira de trevas só lhe faltam as matracas...

A comadre, que ouvira e reconhecera a voz do afilhado, desatou a rir exclamando:

— Vejam que logro! é o Leonardo; tragam as velas, gente: não há novidade, que o cabo da guarda é nosso compadre.

— Aquele brejeiro, resmoneou o Leonardo-velho, sempre há de andar a fazer das suas: vejam que susto causou a toda essa gente... Ó amigo Teotônio, desça, que não há novidade...

À luz da primeira vela que traziam viu-se descer por uma porta o Teotônio do forro do quarto da sala onde se havia escondido.

Apenas pôs o pé em terra fez logo uma careta de medo, por tal forma expressiva, que houve em todos uma tremenda explosão de hilaridade. Começou

a surdir gente de diversos cantos da casa, e em presença do Leonardo recomeçou a folia.

Algumas pessoas não deixaram de estranhar e recear a presença do Leonardo naquela ocasião e naqueles trajes logo depois da saída do major; porém a comadre a todos tranqüilizou, dizendo que, tendo ele obtido licença no quartel, por não estar de serviço naquele dia, viera assistir ao batizado de sua irmã.

— Ele é meio doido, repetia ela a todos, mas é muito amoroso, e nunca se esquece da família.

Leonardo confirmava esses protestos da comadre, e ia entretanto tomando parte na brincadeira, uma vez que contra as suas esperanças todos o haviam recebido bem em casa. À proporção que se ia esquentando no prazer do fado e das cantigas **começou o Leonardo a sentir remorsos pelo papel de judas que ali estava representando**: quando olhava para o Teotônio, que desde que entrara lhe havia feito dar tão boas risadas, pungia-lhe o coração lembrando-se que ele próprio o havia de entregar ao major. Não poucas vezes lhe passou pela cabeça dar-lhe escapula avisando-o, porém a disciplina, o *papai-lêlé*, vinham-lhe à idéia, e hesitava.

Enquanto era assaltado por estes pensamentos, olhava repetidas vezes para o Teotônio.

Este, que nada tinha de tolo, desconfiou da coisa; não sabemos por que instinto leu o que pensava o Leonardo, e pôs-se em guarda.

O Leonardo tomou repentinamente sua resolução.

— **Ora, adeus disciplina, disse consigo; hei de dar escapula ao homem, seja lá como for.**

E do lugar em que estava acrescentou alto:

— Ah! Sr. Teotônio, quer saber uma coisa? Pois se puser o pé daquela porta para fora, o major põe-lhe a unha, que para isso está ele à sua espera, e para aqui me mandou...

— Ó diabo! exclamaram todos.

— Mas nada de sustos; tudo se há de arranjar, que tenho eu boa vontade disto.

— Mas não te comprometas, rapaz, acrescentou a comadre ao ouvido do Leonardo; olha que o major não é de graças, e daí te pode vir mal.

— Ora, tenho pena dele só por aquelas caretas.

Juntaram-se então os dois, Leonardo e Teotônio, **e juntos concertaram o seu plano de modo que este escapasse ao major, e que aquele não ficasse comprometido.**

Estava já a noite muito adiantada, ordenaram os dois que saíssem ao mesmo tempo muitos convidados, e o Leonardo, partindo adiante deles, foi correndo ter com o major.

— Aí vem o bicho, Sr. major.

— Cerca, cerca! disse o major.

E cada um se dividiu para seu lado.

O major colou-se à porta de um corredor, e pôs-se de olho alerta.

Veio-se aproximando ao major um vulto assobiando tranqüilamente o estribilho de uma modinha. Quando se achou em pequena distância o major deu um salto donde estava e segurou-o.

Um ai franzino se fez ouvir, acompanhado de um:

— Me largue! Que é isto?

O major prestou atenção, não tendo reconhecido a voz do Teotônio, e viu que tinha segurado num pobre corcunda, aleijado, ainda em cima, da perna direita e do braço esquerdo.

— Ora, vá-se para o inferno, disse o major; suma-se daqui. Também não sei o que andam fazendo a estas horas pelas ruas estas figuras.

O aleijado safou-se apressadamente livre do susto, e lá foi continuando a assobiar o seu estribilho.

Fez-se depois disto o mais profundo silêncio, e o major não viu mais passar senão os convidados da patuscada, não vendo entre eles o Teotônio.

Então ardeu com o caso; e reunindo os granadeiros disse para Leonardo:

— Ele não saiu...

— Saiu, replicou este; até de jaqueta branca e chapéu de palha: eu o vi tomar ali para a porta onde estava o Sr. major.

— De jaqueta branca e chapéu de palha? perguntou o major.

— Sim, senhor, e de calça preta: não o peguei porque logo vi que não havia de escapar ao Sr. major.

— Ah! patife, patife, resmungou: destas nunca levei... Era o corcunda, o aleijado...

— Ele sabe fazer muito bem de corcunda e de aleijado, disse um dos granadeiros; já o vi uma vez fazer isso, que era mesmo tal e qual...

Era com efeito o Teotônio o aleijado que o major tinha segurado.

O Leonardo ria-se às furtadelas do logro que levava o major.

Não tardou porém muito tempo que lhe não amargasse aquele prazer, vindo o major a saber que tudo aquilo se fizera de combinação com ele. (...)

TOMO II - CAPÍTULO XXI - DESCOBERTA

É muito antigo dizer-se que há uma coisa ainda pior do que um inimigo, e é um mau amigo. (...)

Enquanto se passavam as cenas que acabamos de descrever tinha amanhecido: o major e sua gente punham-se em retirada: ainda se achavam porém nas imediações do lugar onde se havia feito a tentativa para prender o Teotônio, quando o tal amigo a que nos referimos, que fora um dos últimos a retirar-se, encontrando a patrulha, e vendo que o Teotônio não ia no meio dela, concluiu que os planos haviam surtido bem, e que o major ficara desta vez logrado. Teve por isso um acesso de alegria; e esquecendo a presença do major, correu ao Leonardo, abraçou-o, exclamando com arrebatado ímpeto:

— Bravo! como esta não fazes duas em toda a tua vida; foi limpa; *e/e* há de ficar-te obrigado para sempre, e eu com *e/e*, porque sou seu amigo e teu também!

O Leonardo ficou estático diante de semelhante imprudência. O major, que ia cabisbaixo pensando no logro que acabara de levar, voltou-se repentinamente: a

palavra *ele*, proferida pelo terrível amigo, abriu luz a seus olhos. O Leonardo foi tirado do torpor em que se achava pela voz do major a dizer-lhe compassadamente:

— **Recolha-se preso ao quartel.**

(...) O Leonardo, como dissemos, achava-se preso; fizera disso ciente à madrinha, que se pôs logo em alvoroço, não só pelo fato em si, como pelo generoso motivo que o havia ocasionado. O primeiro passo pois que tiveram a dar as duas, D. Maria e a comadre, em virtude do seu pacto, foi tratar de alcançar a soltura do Leonardo, e livrá-lo do mais que (sabe Deus) lhe estaria preparado. Vamos ver como se houveram em semelhante empenho.

TOMO II - CAPÍTULO XXII - EMPENHOS

O primeiro passo que deu a comadre foi dirigir-se à casa do major a interceder pelo Leonardo; o major porém mostrou-se inflexível: o caso era grave, já não era o primeiro; a disciplina não podia ser impunemente ofendida mais de uma vez; o castigo devia ser infalível e grande. A comadre, que fora cheia de boas esperanças, soube pelo major o que ignorava, o que nem mesmo supunha: **O Leonardo não só ficaria por mais tempo preso, como teria de ser chibatado...** A pobre mulher, apenas lhe declarou isto o major, caiu de joelhos, chorou, lamentou-se; tudo porém debalde. Saiu desesperada, e com a mantilha caída, toda em desalinho, correu, voou à casa da D. Maria. Ao vê-la entrar naquele estado, D. Maria ergueu-se de sua banquinha, e largou a almofada da renda.

— Que tendes, criatura? que tendes? exclamou. Santo Cristo! o que é? Falai!...

— Ai, Sra. D. Maria do meu coração! que desgraça! respondeu a comadre: que má sina de rapaz... Ora, veja o que me sucede por ter feito uma boa ação!... E eu que sofro e que sinto como se fosse meu filho...

E os soluços a sufocaram.

— Fale, senhora, replicou D. Maria; fale, que me põe numa aflição...

— Vai apanhar, D. Maria... vai apanhar de chibata... ele... o Leonardo...

— Meu Deus, pobre rapaz: ora vejam tudo em que deu; é sina, coitado! aquele rapaz não nasceu em bom dia; não, comadre; isso sou eu capaz de jurar pela salvação da minha alma... Mas não falou com o major? Que lhe disse ele?

— Duro como uma pedra, senhora; a nada se moveu: pedi-lhe pelas Cinco Chagas, pela Senhora Santíssima... tudo em balde, tudo em vão.

— Está bom, não se aflija, comadre; ainda há um meio que eu penso que não há de falhar: vamos à casa *dela*, que por lá é caminho certo; ela dá-se muito comigo, há de pedir pelo moço.

— Já me tinha lembrado disso; mas na tribulação em que vinha tornou-me a esquecer; se com ela não se arranjar alguma coisa... está tudo perdido.

Os leitores estão já curiosos por saber quem é *ela*, e têm razão; vamos já satisfazê-los. **O major era pecador antigo**, e no seu tempo fora daqueles de quem se diz que não deram o seu quinhão ao vigário: restava-lhe ainda hoje *alguma coisa* que às vezes lhe recordava o passado: essa *alguma coisa* era a Maria-Regalada que morava na Prainha. Maria-Regalada fora no seu tempo uma

mocetona de truz, como vulgarmente se diz: era de um gênio sobremaneira folgazão, vivia em contínua alegria, ria-se de tudo, e de cada vez que se ria fazia-o por muito tempo e com muito gosto: daí é que vinha o apelido — *regalada* — que haviam juntado ao seu nome.

(...) Isto tudo vem para dizermos que Maria-Regalada tinha um verdadeiro amor ao major Vidigal; o major pagava-lho na mesma moeda. Ora, D. Maria era uma das camaradas mais do coração de Maria-Regalada. Eis aí por que falando *dela* D. Maria e a comadre se mostraram tão esperançadas a respeito da sorte do Leonardo.

Já naquele tempo (e dizem que é defeito do nosso) o empenho, o compadresco eram uma mola real de todo o movimento social.

— Vai mandar aprontar a cadeirinha, disse D. Maria a uma de suas escravas.

— Vamos, senhora, vamos que isto são os meus pecados velhos.

D. Maria aprontou-se, meteu-se na sua cadeirinha; a comadre tomou a mantilha, e partiram para a Prainha.

Maria-Regalada recebeu-as com uma boa risada.

(...) Primeiro D. Maria, depois a comadre, contaram, cada uma por sua parte, a história do Leonardo com todos os detalhes, e depois de inúmeros rodeios, que puseram a arder a paciência da ouvinte, e quase a fizeram morrer de curiosidade, chegaram finalmente ao ponto importante, ao motivo que ali as levara: queriam nada menos do que a soltura e perdão do Leonardo, e contavam para alcançar semelhante coisa com a influência da Maria-Regalada sobre o major.

— *Ora, disse esta tomando um ar de modéstia, eu já não presto para nada... isso era bom noutro tempo... agora... o major... as coisas estão mudadas, D. Maria... depois que ele se meteu na polícia... nem mais nem ontem... quem sabe o que por lá vai!... Mas enfim, D. Maria, eu não sei dizer que não, tenho o coração assim, e sempre o tive... no meu tempo muita gente se aproveitou disto... Eu farei o que puder; vou falar-lhe... talvez que ele me queira atender...*

(...) Maria-Regalada vestiu-se à pressa, tomou a sua mantilha, e ao lado da cadeirinha em que ia D. Maria partiram para a casa do major.

TOMO II - CAPÍTULO XXIII - AS TRÊS EM COMISSÃO

Partiram pois as três para a casa do major, que morava então na rua da Misericórdia, uma das mais antigas da cidade. O major recebeu-as de rodaque de chita e tamancos, não tendo a princípio suposto o quilate da visita; apenas porém reconheceu as três, correu apressado à camarinha vizinha, e envergou o mais depressa que pôde a farda; como o tempo urgia, e era uma incivildade deixar sós as senhoras, não completou o uniforme, e voltou de novo à sala de farda, calças de enfiar, tamancos, e um lenço de Alcobaça sobre o ombro, segundo seu uso. A comadre, ao vê-lo assim, apesar da aflição em que se achava, mal pôde conter uma risada que lhe veio aos lábios. Os cumprimentos da recepção passaram sem novidade. Na atropelação em que entrara o major, a comadre enxergou logo um bom agouro para o resultado do seu negócio. Acrescia ainda em seu favor que o major guardava na sua velhice doces recordações da mocidade, e **apenas se via**

cercado por mulheres, se não era um lugar público e em circunstâncias em que a disciplina pudesse ficar lesada, tornava-se um babão, como só se poderia encontrar segundo no velho Leonardo. Se estas lhe davam então no fraco, se lhe faziam um elogio, se lhe faziam uma carícia por mais estupidamente fingida que fosse, arrancavam dele tudo quanto queriam; ele próprio espontaneamente se oferecia para o que podiam desejar, e ainda em cima ficava muito obrigado. Contudo, posto que a comadre soubesse já desta circunstância com antecipação, ou o pressentisse pelas aparências, a gravidade do negócio de que se tratava era tal, que nem isso bastou para tranquilizá-la. Dispôs-se para o ataque, ajudada por suas companheiras, que, apesar de mais estranhas à sorte do Leonardo, nem por isso se ligavam menos à sua causa. Houve um momento de perplexidade para decidir-se quem seria o orador da comissão. O major percebeu isto, e teve um lampejo de orgulho por ver assim três mulheres confundidas e atrapalhadas diante de sua alta pessoa; fez um movimento como para animá-las, arrastando sem querer os tamancos.

(...) — *Pois é mesmo por me lembrar destas feridas antigas, atalhou a Maria-Regalada, que venho aqui com estas senhoras donas, que o Sr. major bem conhece; e se não foram elas cá não viera, pois o negócio é sério...*

(...) — O seu granadeiro Leonardo é um bom rapaz.

O major arqueou franzindo as sobranceiras, e repuxou os beiços, como quem não concordava *in totum* com aquilo...

— Não me comece já com coisas, Sr. major. Pois é, sim, senhor, muito bom rapaz, e não há razão para ser castigado, por causa de uma coisa nenhuma que fez... Isso não é razão, não, senhor, para se mandar tocar de chibata um moço que não é nenhum valdevinos; pois o Sr. major bem sabe que o padrinho quando morreu deixou-lhe alguma coisa, que bem lhe podia estar já nas mãos, e ele por isso livre da maldita farda, a quem sempre tive zanga (menos de uma que bem se sabe), se o pai que tem... mas deixemos o pai que não vem nada ao caso...

— Já sei de tudo, já sei de tudo, atalhou o major.

— Ainda não Sr. major, observou a comadre, ainda não sabe do melhor, e é que o que ele praticou naquela ocasião quase que não estava nas suas mãos. Bem sabe que um filho na casa de seu pai...

— Mas um filho quando é soldado, retorquiu o major com toda a gravidade disciplinar...

— Nem por isso deixa de ser filho, tornou D. Maria.

— **Bem sei, mas a lei?**

— **Ora, a lei... o que é a lei, se o Sr. major quiser?**

O major sorriu-se com cândida modéstia. A discussão foi-se assim animando; porém o major nada de ceder, até pelo contrário parecia mais inflexível do que nunca; chegou mesmo a pôr-se em pé e a falar muito exaltadamente contra o atentado do Leonardo, e a necessidade de um severo castigo. Era engraçado vê-lo no bonito uniforme que indicamos, de pé, fazendo um sermão sobre a disciplina, diante daquelas três ouvintes tão incrédulas que resistiam aos mais fortes argumentos.

Ainda porém não tinham as três esgotado contra ele o seu último recurso; puseram-no pois em ação.

Quando mais influído estava o major, as três, a um só tempo, e como de combinação, desataram a chorar... O major parou... encarou-as um instante: seu semblante foi-se visivelmente enternecendo, enrugando, e por fim desatou também a chorar de enternecido. Apenas as três se aperceberam deste triunfo carregaram sobre o inimigo. Foi então uma algazarra, uma choradeira sem nome, capaz de mover as pedras.

O major de enternecido foi passando a atordoado, e como que ficou envergonhado das lágrimas que lhe corriam pelas faces: enxugou-as, e procurou reassumir toda a sua antiga gravidade.

— Nada, disse desembaraçando-se das três, e passeando a passos largos pela sala; nada: que haviam dizer de mim se me vissem aqui nestas choramingas de criança? Eu, o major, o Vidigal, a chorar no meio de três mulheres!... **Senhoras donas, o caso é grave, e não lhe vejo remédio; o exemplo, a disciplina, as leis militares... nada, não pode ser...**

E deu as costas às três, continuando a passear e a fazer ressoar com força os tamancos no assoalho.

Maria-Regalada disse baixo às duas, em cujos semblantes já nem transluzia o mais pequeno vislumbre de esperança:

— Ainda não está tudo perdido...

(...) Quem tivesse alguma perspicácia conheceria, não com grande facilidade, que o major estava há muito tempo disposto a ceder, porém que queria fazer-se rogado.

Maria-Regalada levou então o major para um canto da sala, e disse-lhe ao ouvido algumas palavras. O major, desanuviou o rosto, remexeu-se todo, coçou a cabeça, balançou com as pernas, mordeu os beiços.

— Ora esta! disse em voz baixa à sua interlocutora; pois era preciso falar nisto? Enfim...

(...)

O major atalhou esta explosão de gratidão que levava visos de ir longe.

— Não de ficar ainda mais contentes comigo... não lhes digo por quê, mas verão...

— *Esta agora é que é grande; veremos o que será...*

— *Já sei: é...*

— *Há de ser por força...*

— *Estou quase adivinhando.*

— *Sabem que mais? atalhou o major; são horas de uma diligência a que não posso faltar... O rapaz está livre de tudo; contanto que, acrescentou dirigindo-se a Maria-Regalada, o dito, dito...*

— *Eu nunca faltei à minha palavra, replicou esta.*

Retiraram-se as três cheias do maior contentamento, e o major saiu depois também para cumprir a sua promessa.

(...)

Como havia prometido a comadre, alguém chegou quase ao anoitecer. Era o Leonardo. Quando ele entrou na sala D. Maria não pôde conter um grito de surpresa.

Vinha em completo uniforme de sargento da companhia de granadeiros!

— Como! olhem o major. E então?!

— É verdade, senhora dona, respondeu o Leonardo; a ele tudo devo.

Foi aquilo objeto de geral espanto. Ficariam todos muito contentes com a simples soltura do Leonardo; e não só ele aparecia solto e livre, como até elevado ao posto de sargento, o que já não é no exército pouca coisa.

(...) Finalmente chegou a hora da retirada, não da comadre, que se ofereceu para fazer companhia à viúva, porém de Leonardo, a quem esperava o major, porque era dia de serviço, e apenas tinha ele obtido licença para cumprir o duplo dever de dar os pêsames a D. Maria, e agradecer o interesse que por ele havia tomado, fazendo por intermédio de Maria-Regalada que o major não só lhe alcançasse perdão do castigo que lhe era destinado, como também o acesso de posto que repentinamente tivera.

Luizinha involuntariamente estendeu à despedida a mão ao Leonardo, que lhe apertou com força.

Ora, isto naquele tempo era bastante para dar que falar ao mundo inteiro!

TOMO II - CAPÍTULO XXV - CONCLUSÃO FELIZ

(...) Aquele aperto de mão que no dia do enterro de seu marido Luizinha dera ao Leonardo não caíra no chão a D. Maria, assim como também lhe não escaparam muitos outros fatos consecutivos a esse.

(...) Havia porém no meio de tudo uma circunstância que lhe desconsertava os planos. O Leonardo era soldado. Ora, **soldado, naquele tempo, era coisa de meter medo.**

Quando D. Maria chegava a este ponto de suas meditações, abandonava-as, e continuava o seu rosário.

A comadre fazia quase exatamente os mesmos cálculos por sua parte, e também só esta única dificuldade se antolhava à realização de seus planos.

Enquanto estas duas pensavam, os outros dois obravam.

Luizinha e Leonardo haviam reatado o antigo namoro; e quem quiser ver coisa de andar depressa é ver namoro de viúva.

(...) Infelizmente ocorria-lhes a mesma dificuldade: **um sargento de linha não podia casar.** Havia talvez um meio muito simples de tudo remediar. Antes de tudo, porém, os dois amavam-se sinceramente; e a idéia de uma união ilegítima lhes repugnava.

O amor os inspirava bem.

(...) Só essa dificuldade demorava os dois. Entretanto o Leonardo achou um dia o salvatério, e veio comunicar a Luizinha o meio que tudo remediava: **podia ficar ele sendo soldado e casar, dando baixa na tropa de linha, e passando-se no mesmo posto para as Milícias.**

A dificuldade, porém, estava ainda em arranjar-se essa baixa e essa passagem: Luizinha encarregou-se de vencer esse embaraço.

(...) A bondade do major inspirava-lhes muita confiança, e lembraram-se por isso de recorrer a ele de novo.

Foram ter com Maria-Regalada, que mesmo na véspera lhes tinha mandado dar parte que se mudara da Prainha, e oferecia-lhes sua nova morada.

A comadre, de tudo inteirada, fez parte da comissão.

Quando entraram em casa de Maria-Regalada, a primeira pessoa que lhes apareceu foi o major Vidigal, e, o que é mais, o major Vidigal, em hábitos menores, de rodaque e tamancos.

— Ah! disse a comadre em tom malicioso, apenas apareceu a Maria-Regalada, pelo que vejo isto por aqui vai bem...

— **Não se lembra, respondeu Maria-Regalada, daquele segredo com que obtive o perdão do moço? Pois era isto!...**

A Maria-Regalada tinha por muito tempo resistido aos desejos ardentes que nutria o major de que ela viesse definitivamente morar em sua companhia. Não atribuímos esta resistência senão a *capricho*, para não fazermos mau juízo de ninguém; o caso é que o major punha naquilo o maior empenho; teria lá suas razões.

O segredo que a Maria-Regalada dissera ao ouvido do major no dia em que fora, acompanhada por D. Maria e a comadre, pedir pelo Leonardo, foi a promessa de que, se fosse servida, cumpriria o gosto do major.

Está pois explicada a benevolência deste para com o Leonardo, que fora ao ponto de não só disfarçar e obter perdão de todas as suas faltas, como de alcançar-lhe aquele rápido acesso de posto.

Fica também explicada a presença do major em casa da Maria-Regalada.

Depois disto entraram todos em conferência. **O major desta vez achou o pedido muito justo, em consequência do fim que se tinha em vista. Com a sua influência tudo alcançou; e em uma semana entregou ao Leonardo dois papéis: — um era a sua baixa de tropa de linha; outro, sua nomeação de Sargento de Milícias.**

(...) Passado o tempo indispensável do luto, o Leonardo, em uniforme de Sargento de Milícias, recebeu-se na Sé com Luizinha, assistindo à cerimônia a família em peso.

Texto nº 5: A vida no cortiço

Natureza e data do texto:

Passagens do romance naturalista *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo. Datado de 1890, ele enfoca, todavia, a vida das camadas populares no Rio de Janeiro antes da Abolição, mais ou menos por volta de 1870.

VI

Amanhecera um domingo alegre no cortiço, um bom dia de abril. Muita luz e pouco calor.

As tinas estavam abandonadas; os coradouros despídos. Tabuleiros e tabuleiros de roupa engomada saíam das casinhas, carregados na maior parte pelos filhos das próprias lavadeiras que se mostravam agora quase todas de fato

limpo; os casaquinhos brancos avultavam por cima das saias de chita de cor. Desprezavam-se os grandes chapéus de palha e os aventais de aniagem; agora as portuguesas tinham na cabeça um lenço novo de ramagens vistosas e as brasileiras haviam penteado o cabelo e pregado nos cachos negros um ramalhete de dois vinténs; aquelas trancavam no ombro xales de lã vermelha, e estas de crochê, de um amarelo desbotado. Viam-se homens de corpo nu, jogando a placa, com grande algazarra. Um grupo de italianos, assentado debaixo de uma árvore, conversava ruidosamente, fumando cachimbo. Mulheres ensaboavam os filhos pequenos debaixo da bica, muito zangadas, a darem-lhes murros, a praguejar, e as crianças berravam, de olhos fechados, esperneando. A casa da Machona estava num rebuliço, porque a família ia sair a passeio; a velha gritava, gritava Nenen, gritava o Agostinho. De muitas outras saiam cantos ou sons de instrumentos; ouviam-se harmônicas e ouviam-se guitarras, cuja discreta melodia era de vez em quando interrompida por um ronco forte de trombone.

Os papagaios pareciam também mais alegres com o domingo e lançavam das gaiolas frases inteiras, entre gargalhadas e assobios. À porta de diversos cômodos, trabalhadores descansavam, de calça limpa e camisa de meia lavada, assentados em cadeira, lendo e soletrando jornais ou livros; um declamava em voz alta versos de “Os Lusíadas”, com um empenho feroz, que o punha rouco. Transparecia neles o prazer da roupa mudada depois de uma semana no corpo. As casinhas fumegavam um cheiro bom de refogados de carne fresca fervendo ao fogo. Do sobrado do Miranda só as duas últimas janelas já estavam abertas e, pela escada que descia para o quintal, passava uma criada carregando baldes de águas servidas. Sentia-se naquela quietação de dia inútil a falta do resfolegar aflito das máquinas da vizinhança, com que todos estavam habituados. Para além do solitário capinzal do fundo a pedreira parecia dormir em paz o seu sono de pedra; mas, em compensação, o movimento era agora extraordinário à frente da estalagem e à entrada da venda. Muitas lavadeiras tinham ido para o portão, olhar quem passava; ao lado delas o Albino, vestido de branco, com o seu lenço engomado ao pescoço, entretinha-se a chupar balas de açúcar, que comprara ali mesmo ao tabuleiro de um baleiro freguês do cortiço.

Dentro da taverna, os martelos de vinho branco, os copos de cerveja nacional e os dois vinténs de parati ou *laranjinha* sucediam-se por cima do balcão, passando das mãos do Domingos e do Manuel para as mãos ávidas dos operários e dos trabalhadores, que os recebiam com estrondosas exclamações de pândega. A Isaura, que fora num pulo tomar o seu primeiro capilé, via-se tonta com os apalpões que lhe davam. Leonor não tinha um instante de sossego, saltando de um lado para outro, com uma agilidade de mono, a fugir dos punhos calosos dos cavouqueiros que, entre risadas, tentavam agarrá-la; e insistia na sua ameaça do costume: “que se queixava ao juiz de orfe”, mas não se ia embora, porque defronte da venda viera estacionar um homem que tocava cinco instrumentos ao mesmo tempo, com um acompanhamento desafinado de bombo, pratos e guizos.

Eram apenas oito horas e já muita gente comia e palavreava na casa de pasto ao lado da venda. João Romão, de roupa mudada como os outros, mas sempre em mangas de camisa, aparecia de espaço em espaço, servindo os

comensais; e a Bertoleza, sempre suja e tisonada, sempre sem domingo nem dia santo, lá estava ao fogão, mexendo as panelas e enchendo os pratos.

X

Mas nisto um estardalhaço de formidáveis pranchadas estrugiu no portão da estalagem. O portão abalou com estrondo e gemeu.

— Abre! Abre! reclamavam de fora.

João Romão atravessou o pátio, como um general em perigo, gritando a todos:

— Não entra a polícia! Não deixa entrar! Agüenta! Agüenta!

— Não entra! Não entra! repercutiu a multidão em coro.

E todo o cortiço ferveu que nem uma panela ao fogo.

— Agüenta! Agüenta!

Jerônimo foi carregado para o quarto, a gemer, nos braços da mulher e da mulata.

— Agüenta! Agüenta!

De cada casulo espipavam homens armados de pau, achas de lenha, varais de ferro. Um empenho coletivo os agitava agora, a todos, numa solidariedade briosa, como se fossem desonrados para sempre se a polícia entrasse ali pela primeira vez. Enquanto se tratava de uma simples luta entre dois rivais, estava direito! “Jogassem lá as cristas, que o mais homem ficaria com a mulher!” mas agora tratava-se de defender a estalagem, a comuna, onde cada um tinha a zelar por alguém ou alguma coisa querida.

— Não entra! Não entra!

E berros atroadores respondiam às pranchadas, que lá fora se repetiam ferozes.

A polícia era o grande terror daquela gente, porque, sempre que penetrava em qualquer estalagem, havia grande estropício; à capa de evitar e punir o jogo e a bebedeira, os urbanos invadiam os quartos, quebravam o que lá estava, punham tudo em polvorosa. Era uma questão de ódio velho.

E, enquanto os homens guardavam a entrada do capinzal e sustentavam de costas o portão da frente, as mulheres, em desordem, rolavam as tinas, arrancavam jiraus, arrastavam carroças, restos de colchões e sacos de cal, formando às pressas uma barricada.

As pranchadas multiplicavam-se. O portão rangia, estalava, começava a abrir-se; ia ceder. Mas a barricada estava feita e todos entrincheirados atrás dela. Os que entravam de fora por curiosidade não puderam sair e viam-se metidos no surumbamba. As cercas das hortas voaram. A Machona terrível fungara as saias e empunhava na mão o seu ferro de engomar. A das Dores, que ninguém dava nada por ela, era uma das mais duras e que parecia mais empenhada na defesa.

Afinal o portão lascou; um grande rombo abriu-se logo; caíram tábuas; e os quatro primeiros urbanos que se precipitaram dentro foram recebidos a pedradas e garrafas vazias. Seguiram-se outros. Havia uns vinte. Um saco de cal, despejado sobre eles, desnorteou-os.

Principiou então o salseiro grosso. Os sabres não podiam alcançar ninguém por entre a trincheira; ao passo que os projetis, arremessados lá de dentro, desbaratavam o inimigo. Já o sargento tinha a cabeça partida e duas praças abandonavam o campo, à falta de ar.

Era impossível invadir aquele baluarte com tão poucos elementos, mas a polícia teimava, não mais por obrigação que por necessidade pessoal de desforço. Semelhante resistência os humilhava. Se tivessem espingardas fariam fogo. O único deles que conseguiu trepar à barricada rolou de lá abaixo sob uma carga de pau que teve de ser carregado para a rua pelos companheiros. O Bruno, todo sujo de sangue, estava agora armado de um refle e o Porfiro, mestre na capoeiragem, tinha na cabeça uma barretina de urbano.

— Fora os morcegos!

— Fora! Fora!

E, a cada exclamação, tome pedra! tome lenha! tome cal! tome fundo de garrafa!

Os apitos estridulavam mais e mais fortes.

Nessa ocasião, porém, Nenen gritou, correndo na direção da barricada.

— Acudam aqui! Acudam aqui! Há fogo no número 12. Está saindo fumaça!

— Fogo!

A esse grito um pânico geral apoderou-se dos moradores do cortiço. Um incêndio lamperia aquelas cem casinhas enquanto o diabo esfrega um olho!

Fez-se logo medonha confusão. Cada qual pensou em salvar o que era seu. E os policiais, aproveitando o terror dos adversários, avançaram com ímpeto, levando na frente o que encontravam e penetrando enfim no infernal reduto, a dar espadeiradas para a direita e para a esquerda, como quem destroça uma boiada. A multidão atropelava-se, desembestando num alarido. Uns fugiam à prisão; outros cuidavam em defender a casa. Mas as praças, loucas de cólera, metiam dentro as portas e iam invadindo e quebrando tudo, sequiosas de vingança.

Nisto, roncou no espaço a trovoadas. O vento do norte zuniu mais estridente e um grande pé-d'água desabou cerrado.”

Anexo ao texto n° 5:

Batuque na cozinha (João da Baiana – 1887-1974):

Não moro em casa de cômodos,
Não é por ter medo não,
Na cozinha há muita gente,

Sempre tem apelação,

Batuque na cozinha sinhá não quer,
por causa do batuque eu queimei meu pé,

Batuque na cozinha sinhá não quer,
por causa do batuque eu queimei meu pé,

Então não bula na cumbuca,
Não me espante o rato,
Se o branco tem ciúme,
Que dirá o mulato

Eu fui na cozinha pra ver uma cebola,
O branco com ciúme duma tal crioula,
Deixei a cebola, peguei na batata,
O branco com ciúme duma tal mulata,
Peguei no balaio pra medir a farinha,
O branco com ciúme duma tal branquinha

Voltei na cozinha, pra tomar um café,
O malandro tá com olho na minha mulher,
Mas comigo eu apelei pra desarmonia,
E fomos direto prá Delegacia,

Seu Comissário foi dizendo com altivez
É da casa de cômodos da tal Inês,
Revista os dois, bota no xadrez
Malandro comigo não tem vez

Batuque na cozinha sinhá não quer,
por causa do batuque eu queimei meu pé,

Mas, Seu Comissário, eu estou com a razão,
Eu não moro na casa de habitação
Eu fui apanhar meu violão,
Que estava empenhado com o Salomão

Eu pago a fiança com satisfação
Mas não me bota no xadrez com esse malandrão,
Que faltou com o respeito a um cidadão,
Da Paraíba, do Norte, Maranhão

Texto nº 6: A favela como questão de polícia

Natureza e data do texto:

Do dualismo que persiste em muitas das interpretações atuais a respeito das favelas, o Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro, guarda um interessante documento datado de 4 de novembro de 1900. Trata-se de uma carta do delegado da 10ª circunscrição ao Chefe de Polícia, Dr. Eneas Galvão. Nela podemos ler:

“Obedecendo ao pedido de informações que V.Excia., em ofício sob nº 7071, ontem me dirigiu relativamente a uma local do ‘Jornal do Brasil’, que diz estar o morro da Providência infestado de vagabundos e criminosos que são o sobressalto das famílias no local designado, se bem que não haja famílias no local designado, é ali impossível ser feito o policiamento porquanto nesse local, foco de desertores, ladrões e praças do exército, não há ruas, os casebres são construídos de madeira e cobertos de zinco, e não existe em todo o morro um só bico de gás, de modo que para a completa extinção dos malfeitores apontados se torna necessário um grande cerco, que para produzir resultado, precisa pelo menos de um auxílio de oitenta praças completamente armadas.”

A proposta do cerco, prossegue o delegado, nem ao menos era inédita:

“Dos livros desta delegacia consta ter ali sido feita uma diligência pelo meu antecessor que teve êxito, sendo com um contingente de cinquenta praças, capturado, numa só noite, cerca de noventa e dois indivíduos perigosos. “

A solução ideal, entretanto, era outra, sugere o delegado ao Chefe de Polícia:

“Parece, entretanto, que o meio mais pratico de ficar completamente limpo o aludido morro é ser pela Diretoria de Saúde Pública ordenada a demolição de todos os pardieiros que em tal sítio se encontram, pois são edificadas sem a respectiva licença municipal e não têm as devidas condições higiênicas.

Saúde e fraternidade
O delegado”

A carta do delegado foi encaminhada a um assessor do Chefe de Polícia, acompanhada do seguinte parecer, datado de 8 de novembro de 1900:

“Parece-me que ao Sr. Prefeito devem ser pedidas, a bem da ordem e moralidade públicas, as providências que julgar necessárias para a extinção dos casebres e pardieiros a que alude o delegado.”

Dois dias, depois, com um lacônico “Sim”, o Dr. Eneas Galvão, Chefe de Polícia do Distrito Federal, endossava o parecer de seu assessor. Aqui perdemos o fio da meada histórica e não sabemos se jamais o prefeito veio a receber tal correspondência. De qualquer forma, os dois documentos existentes no Arquivo Nacional são importantes por dois motivos. Em primeiro lugar, mostram que o “morro da Favella”, apenas três anos depois do Ministério da Guerra permitir que ali viessem a se alojar os veteranos da campanha de Canudos (terminada em 1º de outubro de 1897), já era percebido pelas autoridades policiais como um “*foco de desertores, ladrões e praças do exército*”. E mais, a carta do delegado da 10ª circunscrição parece conter a primeira menção à favela como um duplo problema: sanitário e policial (aos quais o assessor de Eneas Galvão acrescentou a “*moralidade pública*”), que poderia, por isso mesmo, ser resolvido de um só golpe. A idéia da favela como um “foco”, a menção à “limpeza”, isto é, a retórica centrada nas concepções de uma “patologia social” e da “poluição” estava destinada a uma longa permanência na cena institucional carioca do século XX. A proposta de cercar um morro habitado pelas “classes perigosas”, entretanto, não era nova (como os registros da 10ª delegacia assinalavam) e nem parecia ser fruto único e exclusivo da mente das autoridades policiais. Assim podemos depreender de uma notícia publicada também no “Jornal do Brasil”, na famosa coluna “Queixas do Povo”, ainda no mês de novembro de 1900:

“Diversos caixeiros de lojas de fazendas da rua da Carioca vieram pedir que reclamássemos do sr. delegado da 6ª circunscrição urbana as providências contra uma quadrilha de menores gatunos que se acouta no morro de Santo Antônio, perto da passagem dos *bonds* elétricos.

Anteontem à noite, um desses larápios, auxiliado por um grupo de companheiros, furtou da casa nº 39 daquela rua um par de calças que estava à mostra.”

A relativa insignificância do objeto furtado, entretanto, não parece ter impedido uma reação imediata e coletiva dos comerciantes daquela rua, denotando, talvez, a freqüência do problema:

“Perseguidos pelos reclamantes referidos, evadiram-se por aquele morro, sendo presos somente dois, por um guarda noturno; os outros, antes de fugirem à polícia, juraram aos seus perseguidores vingarem-se deles.”

A providência solicitada pelos comerciantes à autoridade policial é a seguinte:

“Um cerco bem dado, estudando o sr. delegado antecipadamente o terreno do morro, teria bom resultado”.

Extraído da Introdução do livro *Um século de favela*. Organizado por Alba Zaluar e Marcos Alvito. Rio de Janeiro:FGV, 1998.

Texto nº 7: Vigilância noturna

Natureza e data do texto:

Um outro documento, um pouco anterior, também depositado no Arquivo Nacional (GIFI 6 C 52), mostra que a 10ª circunscrição já vinha sendo alvo de uma atenção especial por parte das autoridades policiais:

“COMANDO DA GUARDA DE VIGILANTES NOCTURNOS DA 8ª e 10ª CIRCUMSCRIÇÃO EM 9 DE ABRIL DE 1900

Exmo. Sr. Dr. Chefe de Polícia do Distrito Federal

Tenho a honra de comunicar a V.Exa. que na noite de 7 do corrente, foi inaugurado o serviço de vigilância noturna na 10ª circunscrição policial.

Carlos Bento B. Serzedello
Comandante da Guarda.”

Texto nº 8: Queixas do povo ao *Jornal do Brasil*

Natureza e data do texto:

Esta notícia, publicada no *Jornal do Brasil* em 29 de outubro de 1900, já apresenta uma queixa endereçada ao delegado da 10ª circunscrição referido no texto no. 2. À época, o *Jornal do Brasil* era um jornal bastante popular, por sua postura de oposição ao governo e por dar espaço ao "jogo dos bichos", aos crimes e reivindicações populares (cf. SILVA, Eduardo. *As queixas do povo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988). As "Queixas do Povo" era um dos carros-chefes do jornal, pois eram publicadas gratuitamente e nem mesmo era necessário saber escrever: as reclamações podiam ser feitas diretamente no jornal ou em suas agências. Mantivemos a grafia original.

"Pedem-nos que chamemos a atenção do Sr. Delegado da 10ª circunscrição para um grupo de vagabundos que estaciona quasi todos os dias na rua da Providencia, incomodando as familias alli residentes, que são obrigadas a ouvir constantemente palavrões desses desocupados."

Também já apareciam queixas contra menores:

"Queixam-se os moradores da praça da República da grande quantidade de gatunos e menores vagabundos que trazem em sobressalto as familias daquelle lugar, e pedem-nos que reclamemos providencias à policia, afim de reprimi-los, pois dia e noite fazem alli proezas de toda a sorte."
(3/11/1900)

Texto nº 9: Noticiário policial

Natureza e data do texto:

Como já foi dito, um dos motivos para que o *Jornal do Brasil* fosse chamado de *popularíssimo* era o fato de publicar notícias policiais à gosto da população, anunciadas por manchetes sensacionalistas. Vejamos algumas chamadas de "factos policiaes" do *Jornal do Brasil* :

"EM UM BAILE CIUMADA SCENA DE SANGUE FUGA DO CRIMINOSO"		"TENTATIVA DE ASSASSINATO À NAVALHA"
"ACTO DE DESESPERO [suicídio] NA RUA DE SÃO JORGE"		"O ZEZINHO ["gatuno audacioso"] EM FLAGRANTE"
"SUICIDIO QUESTÕES DE AMORES UMA CARTA" (6/11/1900)		"APEDREJADO" "COUSAS DA POLICIA" "CAVALLO ROUBADO"
"TENTATIVA ASSASSINATO NAMORADO FERROZ A REVÓLVER EM PAULA MATTOS" (18/10/1900)	DE	"ASSASSINATO EM CASCADURA A FOUCE E PUNHAL O INQUERITO POLICIAL PROMENORES [sic] NOTAS E INFORMAÇÕES" (20/11/1900)
"ESPOSA INFELIZ MARIDO QUE MATA CRIME DA RUA DO PROPOSITO RELATORIO DO DELEGADO" (30/9/1900)		"A BAYONETA BARBARO ASSASSINATO ENTRE MENORES NO BECCO DA BATALHA PRISÃO DO CRIMINOSO CONFLICTO E FUGA NA RUA DA MISERICÓRDIA AS PROVIDENCIAS DA POLICIA OS DEPOIMENTOS TOMADOS" (3/11/1900)
"ACTO DE DESESPERO POR CAUSA DE CIUMES A KEROSENE" (15/10/1900)		

Os morros já começavam a aparecer neste noticiário, como nos dois exemplos que se seguem, demonstrando o resultado de uma vigilância mais cerrada nas cercanias do Morro da Providência:

"Hontem, às sete horas da tarde, foi recolhido ao xadrez o nacional Antonio Joaquim de Oliverira, preso na subida do morro da Providencia, por estar armado de uma faca de ponta.

O delegado da 10^a circumscrição abriu inquerito."
(em 3/11/1900)

"PUNHALADA

Alexandre da Silva foi hontem preso pelo delegado da 10^a circumscrição, por ter ante-hontem, às 9 horas da noite, no morro da Providência, agredido e ferido com uma punhalada no peito a Antonio Joaquim da Silva, que se acha em tratamento no Hospital da Misericórdia."
(em 29/10/1900)

Os "criminosos" já tinham seus "perfis" traçados com o desprezo e a ironia habituais (havia até uma seção mais ou menos constante chamada "Os Larápios"), fazendo-se referência à cor da pele ou à sua morada em lugares já vistos como suspeitos:

"FACTOS POLICIAES

Jayme Fernandes, Virgilio Bezerra e Henrique de Brito são tres *valientes* do morro do Pinto, que antehontem foram presos e trancafiados no xilindró da 10^a delegacia, por promoverem grande *charivari* na rua Visconde de Sapucahy.

Contra a perniciosa trindade procede na forma da lei o respectivo delegado."
(em 11/11/1897)

"SCENA DE SANGUE EM UM BOTEQUIM DESORDEM E HOMICÍDIO O CRIMINOSO

Hontem, à uma e meia da tarde, no gabinete medico legista da policia, os doutores Marcher Serzedello e Moraes e Brito examinaram Alfredo Manuel do Nascimento, vulgo Alfredo da Bahiana, o autor do assassinato de Abel de Souza Pereira, crime que se deu na madrugada de 12 do corrente, no café 'Flor da Mocidade', no largo do Matadouro [Praça da Bandeira].

Alfredo é um pardinho imberbe, pernostico, magro, de altura regular e cheio de si.

Trajava um bello paletot de flanela azul, correcto, camisa de linho, sem collarinho; calça preta a balão, tendo a bocca da mesma justa aos sapatos, que eram de lona branca com tiras de couro amarello.

Falla bem, mas affectadamente.

Tirado o paletot para o exame medico legal, a camisa apresentava-se rasgada em diversos pontos, primeiramente nas mangas demonstrando [sic] grande luta.

- Então, por que foi matar um homem assim à tôa ? Perguntou um dos medicos.
- Eu não matei porque fosse de minha vontade, respondeu o criminoso, fazendo rolar nas mãos o chapéu molle.
- Elle provocou-te, bateu-te ?
- Não senhor: eu estava apanhando muito, todos me davam de cacete e alguns até me ameaçavam de revólver em punho; então puxei de meu *ferro* [grifo no original] para defender-me e fiz assim... (e sacudiu ambas as mãos em semi-círculo horizontal, como abrindo caminho).
- ...
- ... e a minha faca foi ferir o moço, entrando-lhe no peito.
- Eu não sou malandro, não senhor, continuou Alfredo, tanto que quando fui para aquelle café, havia sahido de meu trabalho nas obras do Cel. Santos Rodrigues.

Alfredo apresentava um ferimento contuso na testa e, depois do exame, foi recolhido á Casa da Detenção.

Como vêem os leitores, *Alfredo da Bahiana* resolveu-se a confessar o crime."

(em 15/10/1900)

Texto nº 10: As condições de trabalho do policial da Brigada Policial (Polícia Militar) em 1907

Natureza e data do texto:

Relatório do Comandante da Brigada Policial, general A.G. de Souza Aguiar, relativo ao ano de 1907.

“O trabalho do soldado de polícia além de exaustivo, é pouco remunerado. Enquanto qualquer operário ganha de cinco a sete mil réis diários, trajando como lhe apraz, tendo as noites livres, comparecendo ao serviço quando lhe convém e trabalhando apenas oito horas, enquanto os guardas da diretoria geral de saúde pública e os guardas civis vencem bons ordenados, trabalhando apenas oito horas, sem os rigores da disciplina militar, o soldado da polícia ronda 12 horas em dois quartos alternados, pernoites no quartel para atender a prontidões e todos os serviços extraordinários, adstritos sempre ao uniforme do dia e a instrução policial e militar, percebendo tão somente o insuficiente soldo de 2\$, 1\$500 de etapa e \$400 de fardamento, isto é, 3\$900, vencimento inferior à diária do mais rude aprendiz de pedreiro.”

Fonte: BRETAS, Marcos. A guerra das ruas – povo e polícia na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997. p.49.

Texto nº 11: A reorganização da polícia com o advento da República

- Em 1889, o Corpo Militar de Polícia da Corte passa a se chamar Brigada Policial da Capital Federal e em 1905, Força Policial do Distrito Federal (subordinada diretamente ao Ministro da Justiça e comandada por um oficial do Exército)
- O recrutamento era voluntário entre os homens com mais de 18 e menos de 45 (limite de idade cai para 40 em 1901 e passou a ser exigida a alfabetização; é a partir desta data que também passa a ser exigido um exame de qualificação para a promoção ao quadro de oficiais)



Fonte: BRETAS, 1997a: 72

- Em 1905 é criada uma nova força uniformizada, a **guarda civil**, de “aparência melhor”, para patrulhar o centro renovado. E causou ótima impressão a Olavo Bilac em 1907:

“Vi passar pela Avenida, anteontem, o primeiro automóvel-ônibus, adquirido pela polícia para o transporte da guarda civil. Novo e garrido, rebrilhando na pompa de seu verniz esmaltado e na luz das suas claras e polidas ferragens, ia apinhado de guardas. E estes diziam bem com o luxo do veículo: fardados, enluvados, empolainados, limpos, elegantes, faceiros. (...)

Nesta época de hipercivilização, em que os gatunos e meliantes de toda a espécie deixam de ser maltrapilhos e pés-no-chão e apresentam-se como cavalheiros da mais fina sociedade, seria injusto que não lhes dêssemos uma polícia digna deles, uma polícia tão (como é que se diz agora ?) ... tão smart, tão dernier bateau, tão up to date como eles.”

OS MANTENEDORES DA ORDEM



O CIVIL — Pareço um sordado das Oropia.

O POLÍCIA — É eu? Eu sou o cabra veio largado, o capoera de farda.

Fonte: Charge de J. Carlos, FDN-FON, 11/4/1908.

(Fonte: BRETAS, 1997b – caderno de ilustrações entre pp.144-145)

Texto nº 12: “Sono calmo”

Natureza e data do texto:

Crônica de João do Rio, publicada em um dos seus livros mais famosos, *A alma encantadora das ruas*, de 1907.

“Os delegados de polícia são de vez em quando uns homens amáveis. Esses cavalheiros chegam mesmo, ao cabo de certo tempo, a conhecer um pouco da sua profissão e um pouco do trágico horror que a miséria tece na sombra da noite por essa misteriosa cidade. Um delegado, outro dia, conversando dos aspectos sórdidos do Rio, teve a amabilidade de dizer:

- Quer vir comigo visitar esses círculos infernais ?(...)

À hora da noite quando cheguei à delegacia, a autoridade ordenara uma caça aos pivettes, pobres garotos sem teto, e preparava-se para a excursão com dois amigos (...)

O delegado sorria, preparando com o interesse de um maître-hôtel o cardápio das nossas sensações.

Afinal ergueu a bengala.

- Em marcha!

Descemos todos, acompanhados de um cabo de polícia e de dois agentes secretos (...). É perigoso entrar só nos covis horrendos, nos trágicos asilos da miséria. Íamos caminhando pela Rua da Misericórdia, hesitantes ainda diante das lanternas com vidros vermelhos. Às esquinas, grupos de vagabundos e desordeiros desapareciam ao nosso apontar (...)

Há muitos desses covis espalhados pela cidade ? indagou o advogado (...)

- Em todas as zonas, meu caro.

- Em cinco noites, visitando-os depressa, informou o agente, V.Sa. não dá cabo deles. É por aqui, pela Gamboa, nas ruas centrais, nos bairros pobres. Só na Cidade Nova, que quantidade! Isso não contando com as casas particulares, em que moram vinte e mais pessoas, e não querendo falar das hospedarias só de gatunos, os ‘zungas’. (...)

O soldado bateu à porta com a mão espalmada. Houve um longo silêncio. O soldado tornou a bater. De dentro, uma voz sonolenta indagou:

- Quem é ?

- Abra! É a polícia! Abra!

O silêncio continuou. Nervoso, o delegado atirou a bengala à porta.

- Abra já! É o dr. delegado! Abra já! (...)

O mau cheiro era intenso.

- Mostre-nos isso! Fez a autoridade, minutos depois.

- Não há acusação contra a casa, há sr. doutor ?

- Não sei, ande. (...)

E começamos a ver o rés-do-chão, salas com camas enfileiradas como nos quartéis, tarimbas com lençóis encardidos, em que dormiam de beijo aberto, babando, marinheiros, soldados, trabalhadores de face barbuda. Uns cobriam-se até o pescoço. Outros espapaçavam-se completamente nus.

A mando da autoridade superior, os agentes chegavam a vela bem perto das caras, passavam a luz por debaixo das camas, sacudiam os homens do

pesado dormir. Não havia surpresa. Os pobres entes acordavam e respondiam, quase a roncar outra vez, a razão porque estavam ali, lamentavelmente. (...) O delegado, entretanto, gozava aquele espetáculo. (...)

- Subamos ao último andar!

Havia com efeito mais um andar, mas quase não se podia lá chegar, estando a escada cheia de corpos, gente enfiada em trapos, que se estirava nos degraus, gente que se agarrava aos balaústres do corrimão – mulheres receosas da promiscuidade, de saias enrodilhadas. Os agentes abriam caminho, acordando a canalha com a ponta dos cacetetes. Eu tapava o nariz. A atmosfera sufocava. (...) Em cima, então, era a vertigem. A sala estava cheia. Já não havia divisões, tabiques, não se podia andar sem esmagar um corpo vivo. A metade daquele gado humano trabalhava; rebentava nas descargas dos vapores, enchendo paióis de carvão, carregando fardos. (...)

Grande parte desses pobres entes fora atirada ali, no esconderijo daquele covil, pela falta de fortuna. Para se livrar da polícia, dormiam sem ar, sufocados, na mais repugnante promiscuidade. (...)

- Não se emocione, disse o delegado. Há por aqui gatunos, assassinos, e coisas ainda mais nojentas. (...)

Não se sabia onde acabara o pesadelo, onde começara a realidade.

- Basta, dizia o adido, basta. Já tenho uma dose suficiente.

- Também é tudo a mesma coisa. É ver uma, é ver todas. (...)

Neste momento ouviu-se o grito de pega! Um garoto corria. O cabo precipitou-se.

Já outros dois soldados vinham em disparada. Era a caçada aos garotos, a ‘canoa’. A ‘canoa’ vinha perto. Tinham pegado uns vinte vagabundos, e pela calçada, presos, seguidos de soldados, via-se, como uma serpente macabra, desenrolar-se a série de miseráveis trêmulos de pavor.

- Canalhas! Bradou o dr. Delegado. E ainda se queixam que eu os mande prender para dormir na estação.

- Nós devíamos ter asilos, instruiu o adido.

- É verdade, os asilos, a higiene, a limpeza. Tudo isso é muito bonito. Havemos de Ter. Por enquanto Nosso Senhor, lá em cima, que olhe por eles!”

Texto nº 13: “Uma limpeza indispensável”

Natureza e data do texto:

Charge publicada na revista O Malho em 1908, com o título acima, faz referência aos planos de Oswaldo Cruz, à frente da Delegacia de Hygiene: evacuar os moradores do Morro da Favella em dez dias. Isto acabou não ocorrendo. Coleção Nosso Século, volume 1, apud ZYLBERBERG, Opus cit., p.27.



Caricatura. O governo e as favelas. Oswaldo Cruz pede a evacuação dos moradores do morro da Favella. 1908.
Reproduzida de Nosso Século v.1
Tomara que não despejem! A gente lá da Favella! Gente pobre, miserável! Não há outra como ela. // Todavia, se, porém! For
avante e torniquete, / Aconselho aos da Favella! Que se mudem pro Catete (O Malho).

Texto nº 14: A favella na década de 20

Natureza e data do texto:

Crônica de Orestes Barbosa acerca do Morro da Favella, publicada no livro *Bambambã* em 1923. Orestes Barbosa, de origem popular, autor do antológico ‘Chão de Estrelas’, era um agudo cronista da vida carioca, que retratava de forma original e inusitada. Ele chegou a ser preso e a escrever crônicas da prisão.

“A FAVELA

O morro da Favela ficou como uma lenda na cidade, entretanto, nada mais real do que os seus mistérios.

Pouca gente já subiu aquela montanha – raríssimas pessoas chegaram a ver e a compreender o labirinto das baiúcas, esconderijos, sepulturas vazias e casinhas de portas falsas que formam toda a originalidade do bairro terrorista onde a polícia do 8º distrito não vai.

Os *chauffeurs*, depois de dez horas da noite, não aceitam passagem para a rua da América.

Os bondes depois dessa hora passam a nove pontos, e o motorneiro e o condutor levam nas mãos as suas pistolas engatilhadas.

A Favela não é mesmo graça.

Quem vai pela rua da América bem sabe que já nesta rua devia sentir temor...

(...)

Para que um agente da autoridade role morto naquelas rampas – um agente ou um *bambambã* que faça qualquer *presepada* num samba, ou queira tapear na divisão de um toco – não há ensaios.

(...)

Os gatunos, às horas mortas, sobem ali e durante o dia por ali ficam, porque o chefe de polícia da Favela não é desembargador nem general – é o José da Barra, com quem o chefe de Polícia da capital da República não quer conversa.

Macaco é outro.

Quem quiser que pegue em rabo de foguete.

O José da Barra é cabo eleitoral de gente importante, e, além disso, se ele quiser, ninguém sobe lá.

Quando chega à delegacia do 8º distrito a notícia de que há *dança de rato* na Favela, o comissário de serviço fica surdo no telefone:

- Não estou ouvindo nada. Fale mais alto!
- Olha, *seu* Sampaio: quem fala aqui é o guarda rondante da travessa Rego Barros.
- Mas que é? Não entendo!...

(...)

O chefe de polícia, José da Barra, é um personagem que se impôs pela valentia e pelo aparente bom senso das suas decisões.

Os criminosos analfabetos que vivem ali na mais impune liberdade, elegeram, sem sentir, um chefe que é esse José.

(...)

O José da Barra dirige tudo e a vida corre sem perturbação.

Se a polícia achar que aquilo deve mesmo acabar, leve para lá uma força de linha e bombardeie.

Já fica sabendo que bombardeia casebres vazios.

A população da favela é oscilante.

A Favela, quando vê que não pode matar a polícia, não aceita a luta e foge para todos os lados em que tem saída.

Fugirá, por isso, em tempo.

(...)

Sem imunidades parlamentares, sem dinheiro para comprar juízes, promotores ou desembargadores da Corte de Apelação, a Favela mata sempre que é preciso matar.”

Texto n° 15: O “Morro do Crime”

Natureza e data do texto:

Benjamin Costallat (1897-1961), bacharel em Direito (RJ), foi jornalista e literato. Escreveu uma série de crônicas sobre os subterrâneos da cidade do Rio de Janeiro, encomendadas pelo *Jornal do Brasil*. Posteriormente, em 1924, elas foram publicadas sob o título de *Mistérios do Rio*.

“A FAVELA QUE EU VI

- Vamos ao morro do crime ?...

- Vamos...

A Favela, ao longe, com os seus casebres minúsculos, parecia um presépio imenso.

Descemos na Rua da América. Uma das ruas mais sórdidas do Rio de Janeiro. Enlameada, imunda. (...)

Casas de sobrado, muito feias, muito sujas, todas fechadas, como se seus habitantes ainda estivessem dormindo àquela hora de manhã resplandescente.

- Quase todos os moradores desta Rua da América são ladrões e intrujões [receptador] (...) Com a Favela, esta zona daqui é a que mais fornece pensionistas para as prisões. Lá em cima, no morro, é o crime, é a facada, a violência, a vingança, a valentia; cá embaixo, na Rua da América, é o roubo, é a astúcia, é o profissional da gazua e do pé-de-cabra...

- Mas então as especialidades estão assim tão bem separadas ?

- O crime tem seus especialistas e sua perfeita organização. Assim é que no morro do Pinto só moram vigaristas. (...)

Tínhamos chegado à subida da Favela, uma das muitas entradas do morro sinistro.

Quando as turmas de agentes dão batidas na Favela, para prender um criminoso renitente, refugiado e escondido no alto do morro, os policiais são distribuídos pelas várias entradas. Combinado o ataque para uma determinada hora, produz-se um verdadeiro assalto, subindo polícia por todos os lados, pela Saúde, pela Gamboa, pela Marítima e pelo Pinto. (...)

Falavam-me sempre do perigo de subir à Favela. Nos seus terríveis valentes. Nos seus malandros que assaltam com a mesma facilidade com que se dá bom-dia.

O maior perigo que encontrei na Favela foi o risco, a cada instante, de despencar-me de lá de cima pela pedreira ou pelo morro abaixo. (...)

Sem higiene, sem conforto, naqueles pequeninos casebre fétidos e imundos, que se arriscam, a cada instante, a voar com o vento ou a despencar-se lá de cima; aquela população de homens valentes – estivadores, carvoeiros, embarcações – e de mulheres anemiadas e fracas, e de crianças mal alimentadas e em trapos, cria porcos, bebe cachaça, toca cavaquinho e canta!... (...)

Estávamos, em plena Favela, fora do mundo.

Vinha-me, então, ao espírito, a crônica terrível do morro sinistro, o morro do crime.

Encravada no Rio de Janeiro, a Favela é uma cidade dentro da cidade. Perfeitamente diversa e absolutamente autônoma. Não atingida pelos regulamentos da prefeitura e longe das vistas da Polícia.

Na Favela ninguém paga impostos e não se vê um guarda civil. Na Favela, é a lei do mais forte e do mais valente. A navalha liquida os casos. E a coragem dirime todas as contendas. (...)

Assim viviam Sete Coroas e seus companheiros.

Assaltavam, roubavam, matavam com uma simplicidade comovedora. (...)

Mas, um dia, chegou à Favela um homem – Zé da Barra. Vinha da Barra do Piraí. Já trazia grande fama. Suas proezas eram conhecidas. Era um valente, mas um grande coração. E Zé da Barra chegou e dominou a Favela... (...)

Zé da Barra nos dissera:

- Sete Coroas não era o pior. Foi o que ganhou mais fama. Mas não era o pior. Terríveis eram seus dois companheiros que morreram: o Camisa e o Benedito.

- Morreram os dois ?

- Morreram. O Camisa morreu num pavoroso tiroteio com a polícia, aqui no Buraco Quente...

- E o Benedito ?

- Ah! O Benedito foi encontrado morto. Mas, na véspera, ele tinha sido descoberto pela polícia na casa de uma velha, onde havia se refugiado...

- Então, foi a polícia que assassinou ?!

- Não sei. São mistérios...

Não insistimos. Zé da Barra não queria contar o que sabia sobre a verdadeira morte do malandro Benedito, assassinado pela polícia em represália à morte de dois agentes do Corpo de Segurança. (...)"

Texto nº 16: Rumo a uma “sociedade do controle” ?

A passagem das sociedades disciplinares às de controle (DELEUZE,1992:219)

“I. Histórico

Foucault situou as *sociedades disciplinares* nos séculos XVIII e XIX; **atingem seu apogeu no século XX**. Elas procedem à organização dos grandes meios de confinamento. O indivíduo não cessa de passar de um espaço fechado a outro, cada um com suas leis: primeiro a família, depois a escola (‘você não está mais na sua família’), depois a caserna (‘você não está mais na escola’), depois a fábrica, de vez em quando o hospital, eventualmente a prisão, que é o meio de confinamento por excelência. É a prisão que serve de modelo analógico: a heroína de *Europa 51* pode exclamar, ao ver operários, ‘pensei estar vendo condenados...’. Foucault analisou muito bem **o projeto ideal dos meios de confinamento, visível especialmente na fábrica: concentrar, distribuir no espaço; ordenar no tempo; compor no espaço-tempo uma força produtiva cujo efeito deve ser superior à soma das forças elementares**. Mas o que Foucault também sabia era da brevidade deste modelo: ele sucedia às *sociedades de soberania* cujo objetivo e funções eram completamente diferentes (açambarcar, mais do que organizar a produção, decidir sobre a morte mais do que gerir a vida); a transição foi feita progressivamente, e Napoleão parece ter operado a grande conversão de uma sociedade à outra. Mas as disciplinas, por sua vez, também conheceriam uma crise, em favor de novas forças que se instalavam lentamente e que se precipitariam depois da Se-
220: gunda Guerra mundial: *sociedades disciplinares* é o que já não éramos mais, o que deixávamos de ser.

Encontramo-nos numa crise generalizada de todos os meios de confinamento, prisão, hospital, fábrica, escola, família. A família é um ‘interior’, em crise como qualquer outro interior, escolar, profissional, etc. Os ministros competentes não param de anunciar reformas supostamente necessárias. Reformar a escola, reformar a indústria, o hospital, o exército, a prisão; mas todos sabem que essas instituições estão condenadas, num prazo mais ou menos longo. Trata-se apenas de gerir a sua agonia e ocupar as pessoas, até a instalação das novas forças que se anunciam. São *as sociedades de controle* que estão substituindo as sociedades disciplinares. ‘Controle’ é o nome que Burroughs propõe para designar o novo monstro, e que Foucault reconhece como nosso futuro próximo. Paul Virilio também analisa sem parar as formas ultra-rápidas de controle ao ar livre, que substituem as antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema fechado.”

Exemplos de mecanismos de controle (DELEUZE,1992:220)

“Não cabe invocar produções farmacêuticas extraordinárias, formações nucleares, manipulações genéticas, ainda que elas sejam destinadas a intervir no novo processo. Não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou o mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições. Por

exemplo, na crise do hospital como meio de confinamento, a setorização, os hospitais-dia, o atendimento a domicílio puderam marcar de início novas liberdades, mas também passaram a integrar mecanismos de controle que rivalizam com os mais duros confinamentos. Não cabe temer ou espera, mas buscar novas armas.”

Diferenças entre confinamento e controle (DELEUZE, 1992:220-223)

“Os diferentes internatos ou meios de confinamento pelos quais passa o indivíduo são variáveis independentes: supõe-se que a cada vez ele recomeça do zero, e a linguagem comum a todos esses meios existe, mas é *analógica*. Ao passo que os diferentes modos de controle, os controlatos, são variações inseparáveis, formando um sistema de geometria variável, cuja linguagem é *numérica* (o que não quer dizer necessariamente binária). **Os confinamentos são moldes, distintas moldagens, mas os controles são uma modulação**, como uma moldagem auto-deformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro.

Isto se vê claramente na questão dos salários: **a fábrica era um corpo** que levava suas forças internas a um ponto de equilíbrio, o mais alto possível para a produção, o mais baixo possível para os salários; mas **numa sociedade de controle a empresa substituiu a fábrica, e a empresa é uma alma, um gás**. Sem dúvida a fábrica já conhecia o sistema de prêmios, mas **a empresa se esforça mais profundamente em impor uma modulação para cada salário**, num estado de perpétua metaestabilidade, que passa por desafios, concursos e colóquios extremamente cômicos. Se os jogos de televisão mais idiotas têm tanto sucesso é porque exprimem adequadamente a situação de empresa. A fábrica constituía os indivíduos em um só corpo, para a dupla vantagem do patronato que vigiava cada elemento da massa, e dos sindicatos que mobilizavam uma massa de resistência; mas **a empresa introduz o tempo todo uma rivalidade inextinguível** como uma emulação, excelente motivação que contrapõe os indivíduos entre si e atravessa cada um, dividindo-o em si mesmo. O princípio modulador do ‘salário por mérito’ tenta a própria Educação nacional: com efeito, **assim como a empresa substituiu a fábrica, a formação permanente tende a substituir a escola, e o controle contínuo substitui o exame. Este é o meio mais garantido de entregar a escola à empresa**.

Nas sociedades de disciplina não se parava de recomeçar (da escola à caserna, da caserna à fábrica), enquanto **nas sociedades de controle nunca se termina nada**, a empresa, a formação, o serviço sendo os estados metaestáveis e coexistentes de uma mesma modulação, como que de um deformador universal.

Kafka, que já se instalava no cruzamento dos dois tipos de sociedade, descreveu em *O processo* as formas jurídicas mais temíveis: a *quitação aparente* das sociedades disciplinares (entre dois confinamentos), a *moratória ilimitada* das sociedades de controle (em variação contínua) são dois modos de vida jurídicos

muito diferentes, e se nosso direito, ele mesmo em crise, hesita entre ambos, é porque saímos de um para entrar no outro.

As sociedades disciplinares têm dois pólos: a assinatura que indica o indivíduo, e o número de matrícula que indica sua posição numa massa. É que as disciplinas nunca viram incompatibilidade entre os dois, e **é ao mesmo tempo que o poder é massificante e individuante, isto é, constitui num corpo único aqueles sobre os quais se exerce, e molda a individualidade de cada membro do corpo** (Foucault via a origem desse duplo cuidado no poder pastoral do sacerdote – o rebanho e cada um dos animais – mas o poder civil, por sua vez, iria converter-se em ‘pastor’ laico por outros meios). **Nas sociedades de controle, ao contrário, o essencial não é mais uma assinatura e nem um número, mas uma cifra: a cifra é uma senha,** ao passo que as sociedades disciplinares são reguladas por palavras de ordem (tanto do ponto de vista da integração quanto da resistência). **A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação ou a rejeição.** Não se está mais diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se ‘dividuais’, divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou ‘bancos’.

É o **dinheiro** que talvez melhor exprima a distinção entre as duas sociedades, visto que **a disciplina sempre se referiu a moedas cunhadas em ouro – que servia de medida padrão** -, ao passo que o controle remete a trocas flutuantes, modulações que fazem intervir como cifra uma percentagem de diferentes amostras de moeda. A velha toupeira monetária é o animal dos meios de confinamento, mas a serpente o é das sociedades de controle.

Passamos de um animal a outro, da toupeira à serpente, no regime em que vivemos, mas também na nossa maneira de viver e nas nossas relações com outrem. O homem da disciplina era um produtor descontínuo de energia, mas o homem do controle é antes ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo. Por toda a parte o *surf* já substitui os antigos *esportes*.”

As máquinas e as formas sociais das sociedades da soberania, disciplinares e de controle (DELEUZE, 1992:223)

“É fácil fazer corresponder a cada sociedade certos tipos de máquina, não porque as máquinas sejam determinantes, mas porque elas exprimem as formas sociais capazes de lhes darem nascimento e utiliza-las. As antigas *sociedades de soberania* manejavam máquinas simples, alavancas, roldanas, relógios; mas as *sociedades disciplinares* recentes tinham por equipamento máquinas energéticas, com o perigo passivo da entropia e o perigo ativo da sabotagem; as *sociedades de controle* **operam por máquinas de informática e computadores, cujo perigo passivo é a interferência, e, o ativo, a pirataria e a introdução de vírus.**”

A passagem das sociedades disciplinares às de controle: uma mutação do capitalismo (DELEUZE, 1992:223-224)

“Não é uma evolução tecnológica sem ser, mais profundamente, **uma mutação do capitalismo**. É uma mutação já bem conhecida que pode ser resumida assim:

o capitalismo do século XIX é de concentração, para a produção, e de propriedade. Por conseguinte, erige a fábrica como meio de confinamento, o capitalista sendo o proprietário dos meios de produção, mas também eventualmente proprietário de outros espaços concebidos por analogia (a casa familiar do operário, a escola). Quanto ao mercado, é conquistado ora por especialização, ora por colonização, ora por redução dos custos de produção.

Mas **atualmente o capitalismo não é mais dirigido para a produção**, relegada com frequência à periferia do Terceiro Mundo, mesmo sob as formas mais complexas do têxtil, da metalurgia ou do petróleo. **É um capitalismo de sobreprodução.** Não compra mais matéria-prima e já não vende produtos acabados: compra produtos acabados, ou monta peças destacadas. **O que ele quer vender são serviços, e o que quer comprar são ações. Já não é um capitalismo dirigido para a produção, mas para o produto**, isto é, para a venda ou para o mercado. Por isso **ele é essencialmente dispersivo, e a fábrica cedeu lugar à empresa.** A família, a escola, o exército, a fábrica não são mais espaços analógicos distintos que convergem para um proprietário, Estado ou potência privada, mas são agora figuras cifradas, deformáveis e transformáveis, de **uma mesma empresa que só tem gerentes***. Até a arte abandonou os espaços fechados para entrar nos circuitos abertos do banco. As conquistas de mercado se fazem por tomada de controle e não mais por formação de disciplina, por fixação de cotações mais do que por redução de custos, por transformação do produto mais do que por especialização da produção. A corrupção ganha aí uma nova potência. **O serviço de vendas tornou-se o centro ou a ‘alma’ da empresa.** Informam-nos que as empresas têm uma alma, o que é efetivamente a notícia mais terrificante do mundo.”

Os novos instrumentos de controle e o desafio da explosão das favelas e dos guetos (DELEUZE, 1992:224)

“**O marketing é agora o instrumento de controle social**, e forma a raça impudente de nossos senhores. O controle é de curto prazo e de rotação rápida, mas também contínuo e ilimitado, ao passo que a disciplina era de longa duração, infinita e descontínua. O homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado. É verdade que o capitalismo manteve como constante a extrema miséria de três quartos da humanidade, pobres demais para a dívida, numerosos demais para o confinamento: **o controle não só terá que enfrentar a dissipação das fronteiras, mas também a explosão dos guetos e favelas**.**”

Obs (Marcos Alvito):

*Essa estrutura altamente plástica e móvel, dispersiva, sem dono e só com gerente, voltada para a venda, para o produto, corresponde ponto a ponto à boca-de-fumo...

** Daí o uso de instrumentos de controle coletivo de populações, como o dirigível e as câmeras propostas no programa de Benedita da Silva em 2002 (para governadora)

A possibilidade da coleira eletrônica (DELEUZE, 1992:224-225)

“Não há necessidade de ficção científica para se conceber **um mecanismo de controle que dê, a cada instante, a posição de um elemento em espaço aberto**, animal numa reserva, homem numa empresa (coleira eletrônica*). Félix Guattari imaginou uma cidade onde cada um pudesse deixar seu apartamento, sua rua, seu bairro, graças a um cartão eletrônico (dividual) que abriria as barreiras; mas o cartão poderia também ser recusado em tal dia, ou entre tal e tal hora; o que conta não é a barreira, mas o computador que detecta a posição de cada um, lícita ou ilícita**, e opera uma modulação universal.”

Obs (Marcos Alvito)

* ver programa de Solange Amaral, candidata do PFL a governadora em 2002, em “O sistema prisional”, item 5:

“Introdução do sistema de pulseira eletrônica para acelerar a liberação provisória dos que não oferecem risco à sociedade.”

Ver também a notícia **JB**, 21/07/2002 sobre o Verichip, do tamanho de um grão de arroz, criado pela Applied Digital Solutions, abastecido pelo calor do corpo e instalado sob a pele, para dar todas as informações sobre o seu portador e que, na nova versão, ‘emitirá sinais eletrônicos captados por satélite que permitirão localizar o portador em qualquer lugar do planeta’ (já há fila de espera...)

** Ver notícia **JB**, 21/07/2002 em que se fala do objetivo do CONTRAN em instalar chips em todos dos veículos com informações (p.ex. pgto. IPVA) que poderão ser lidas a 20km de distância por computadores instalados nos postos rodoviários; e também o sistema de “cerca eletrônica”, já instalado por alguns pais no carro dos seus filhos (disponível no Rio e em São Paulo, custa R\$ 2.800) e que determina a área em que o veículo pode circular; fora dos limites o microprocessador corta o combustível do automóvel;

Meios de controle em vias de implantação e o novo regime de dominação (DELEUZE, 1992:225)

“O estudo sócio-técnico dos **mecanismos de controle**, apreendidos em **sua aurora**, deveria ser categorial e descrever **o que já está em vias de ser implantado no lugar dos meios de confinamento disciplinares, cuja crise todo mundo anuncia**. Pode ser que meios antigos, tomados de empréstimo às antigas sociedades de soberania, retornem à cena, mas devidamente adaptados. O que conta é que **estamos no início de alguma coisa**.

No *regime das prisões*: a busca de penas ‘substitutivas’, ao menos para a pequena delinqüência, e a utilização de coleiras eletrônicas que obrigam o condenado a ficar em casa em certas horas.

No *regime das escolas*: as formas de controle contínuo, a avaliação contínua, e a ação da formação permanente sobre a escola, o abandono correspondente de qualquer pesquisa na Universidade, a introdução da ‘empresa’ em todos os níveis de escolaridade.

No *regime dos hospitais*: a nova medicina ‘sem médico nem doente’, que resgata doentes potenciais e sujeitos a risco, que de modo algum demonstra um progresso em direção à individuação, como se diz, mas substitui o corpo individual ou numérico pela cifra de uma matéria ‘dividual’ a ser controlada.

No *regime de empresa*: as novas maneiras de tratar o dinheiro, os produtos e os homens, que já não passam pela antiga forma-fábrica.

São exemplos frágeis, mas que permitiriam compreender melhor o que se entende por crise das instituições, isto é, **a implantação progressiva e dispersa de um novo regime de dominação.**”

Saberão os sindicatos lutar contra este novo regime de dominação ? (DELEUZE, 1992:225-226)

“Uma das questões mais importantes diria respeito à inaptidão dos sindicatos: ligados, por toda a sua história, à luta contra disciplinas ou nos meios de confinamento, conseguirão adaptar-se ou cederão o lugar a novas formas de resistência contra as sociedades de controle ? Será que já se pode apreender esboços dessas formas por vir, capazes de combater as alegrias do marketing ? Muitos jovens pedem estranhamente para serem ‘motivados’, e solicitam novos estágios e formação permanente; cabe a eles descobrir a que estão sendo levados a servir, assim como seus antecessores descobriram, não sem dor, a finalidade das disciplinas. Os anéis de uma serpente são ainda mais complicados que os buracos de uma toupeira.”